

ILUSTRAÇÃO

N.º 331—14.º ano



SENTINELA, ALERTA!

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA
POR
CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinquenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**, e estará concluída no proximo ano.

Unicamente dicionário da língua portuguesa

A **LIVRARIA BERTRAND**, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9\$00 cada tómo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 7.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ÀS MÃIS PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada,
a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer
pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15\$00, enc., E.c. 20\$00

Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas jôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades
médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

a todas as dôres de origem artrítica
l'único frasco bastará para vos convencer da rapidez
da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos,
conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras

1 VOL. COM 664 PÁG. ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

75, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GRANDE EXITO LITERÁRIO

À venda, nova edição revista de

O HOMEM QUE MATOU O DIABO

DE **AQUILINO RIBEIRO**

O que são, afinal, amor, arte, Deus, o Diabo?
Ilusões, Realidades?

1 vol. de 392 págs., brochado Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa
do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato
do rei D. João IV, broc. Esc. 18\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 20\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

- O Bôbo** (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10\$00
- Eurico, o presbítero.** (Romance.) — 338 páginas, brochado..... 10\$00
- O monge de Cistér,** (Romance.) 2 vols., com 716 páginas, brochado..... 20\$00
- Lendas e Narrativas** — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20\$00
- História de Portugal** (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) 8 vols., 2.818 páginas, brochado..... 96\$00
- Estudos sobre o casamento civil** — 284 páginas, brochado . 10\$00
- História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30\$00
- Composições várias** — 374 páginas, brochado..... 10\$00
- Poesias** — 224 páginas, brochado 10\$00
- Cartas** (Inéditas) 2 vols., com 586 páginas, brochado..... 20\$00

Opúsculos :

- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 331 páginas
- » II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
- » III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
- » IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
- » V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
- » VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
- » VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
- » VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
- » IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
- » X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio
— 1 vol. 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percallina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA GRANDE REVELAÇÃO CIENTÍFICA

Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno

DO **DR. BERNAY** (DE LYON)

PELO **DR. MÁRIO DAMAS MÓRA**
Director da clínica da Trindade e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso
«Dr. M. Ferreira de Mira» da A. N. T.

1 vol. de 56 págs., formato 24×16,5 com 16 gravuras
Esc. 10\$00; pelo correio à cobrança, Esc. 11\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a cores, representando projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL.

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5×26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

ILUSTRAÇÃO

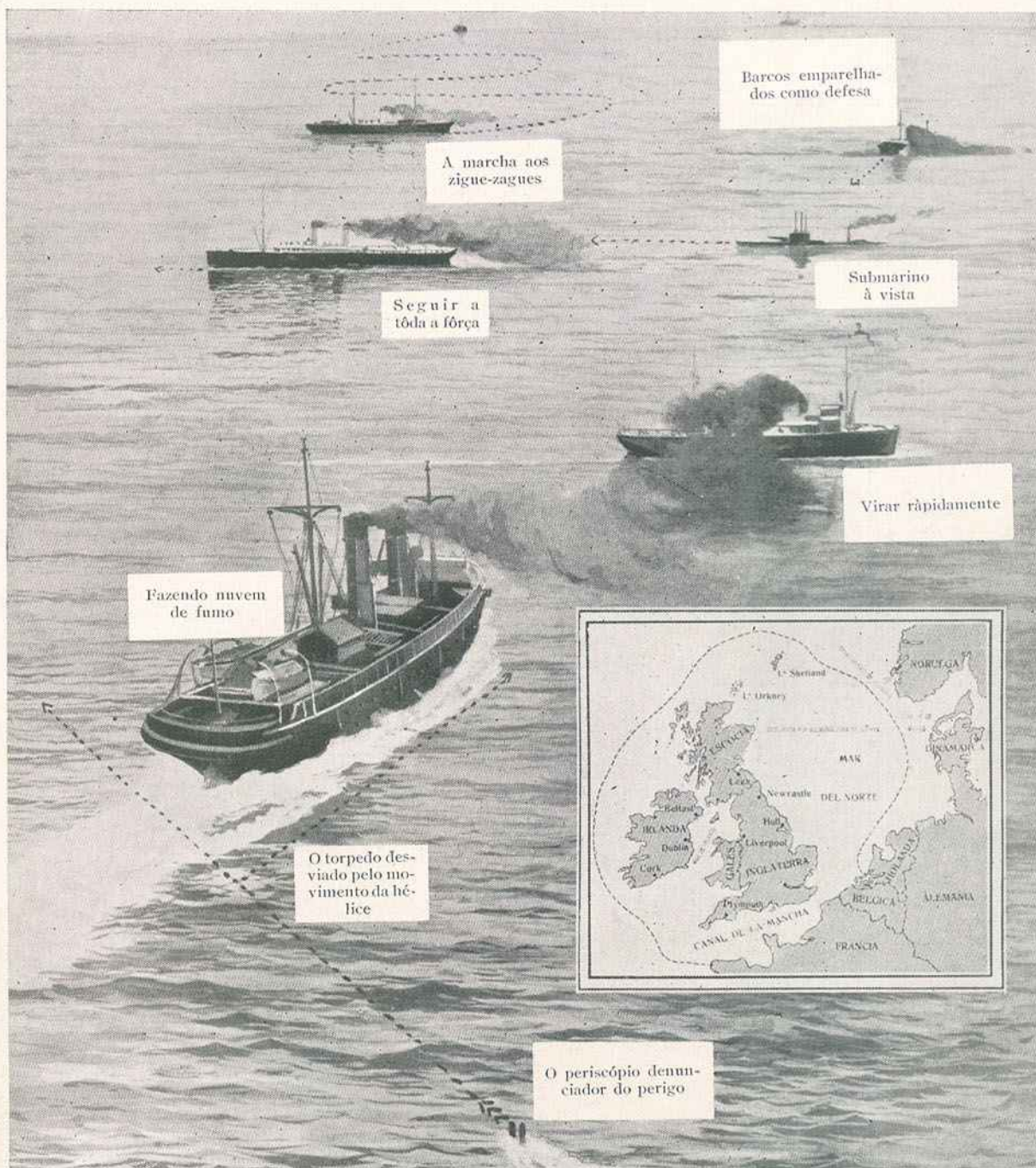
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A DEFESA CONTRA OS SUBMARINOS



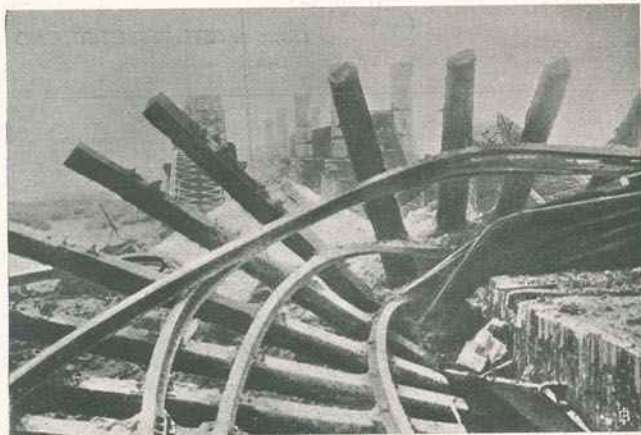
Quando da Grande Guerra, o Almirantado britânico divulgou o curioso gráfico acima reproduzido, indicando os meios de defesa mais práticos: virar rapidamente logo que se apercebessem de que o periscópio do submarino se encontrava apontado ao través do barco ameaçado. Com esta manobra, executada com a maior prontidão, não só se dificultaria o alvo, mas o redemoinho da água feito pela hélice influiria na direcção do torpedo. A marcha em zigue-zagues, a nuvem de fumo para ocultar a marcha, e, finalmente, o navegar em parêlha eram outros meios indicados. Neste último, enquanto o submarino visa um barco, o outro pode investi-lo pelo flanco



EIS A GUERRA ÊSSE MONSTRO...

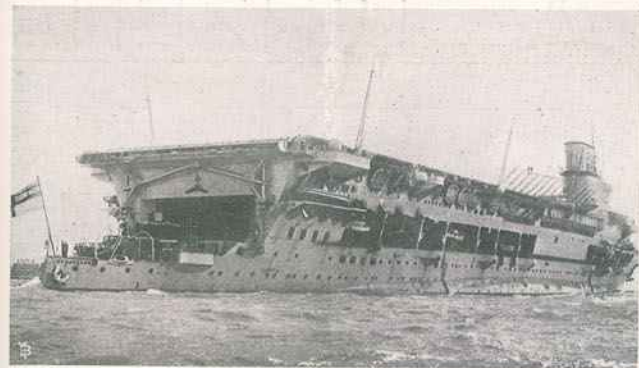
Aspectos do flagelo que vai

ainda no seu primeiro mês



Eis a guerra com todos os seus horrores. A carnificina desenrolada na Polónia mostrou bem o poder mortífero dos engendros modernos de destruição de vidas e cidades. Que diria Alexandre Magno se voltasse no mundo? A valentia dos seus guerreiros e a sua lealdade em combate, nada poderiam contra esta nova maneira de fazer a guerra. A arte de combater nos tempos que vão correndo é toda de fintas, sofismas e disfarces. A vitória pendê muitas vezes para os que dispõem de melhor espionagem. Dizia-se noutros tempos que os guerreiros corriam para as fronteiras da sua pátria invadida, a fim de impedir que os invasores viessem aos seus lares matar lhes os pais velhinhos, e os filhos no berço.

Hoje não. Os bombardeamentos aéreos destroem uma cidade sem que os seus filhos possam reagir. E a guerra de hoje... Qual será a de amanhã? Nas gravuras que ilustram esta página vemos alguns aspectos da guerra na Polónia. *Em cima, à esquerda*: enfermeiros alemães conduzem os primeiros camaradas mortos na Silésia. *A direita*: o trágico aspecto dumha linha férrea nos arredores de Varsóvia após um bombardeamento aéreo pelos alemães, no momento em que passava um comboio de refugiados. Pelos destroços da linha se avalla o estado em que ficariam os pobros refugiados. *Em baixo*: Uma coluna de *tanks* ligeiros fazendo um *raid* nas linhas polacas. Ficou memorável a bravura dos invadidos que chegavam a atrair-se contra estes monstros de aço que vomitam a morte por mil bocas. E, várias vezes, os *tanks* alemães foram destruídos ou aprisionados pela infantaria polaca. A Polónia sucumbiu, mas o seu patriotismo ficou marcando o mais belo exemplo para os povos que prezam, acima de tudo, a sua independência. E é, graças a êsse fervor, que a heróica nação se tem erguido sempre do túmulo em que pretendem encerrá-la.



O porta-aviões britânico «Courageous» que foi metido no fundo por um submarino alemão, no Mar do Norte pelas alturas de Sunderland
A direita: Um soldado alemão junto do túmulo do marechal Pilsudski



Uma fase do ataque a Cracóvia: Os soldados alemães avançam protegidos por *tanks* sob o fogo das metralhadoras polacas
A direita: Um aspecto do bairro de Praga em Varsóvia após um dos bombardeamentos



Uma coluna alemã motorizada atravessando o Vistula, no sul de Varsóvia, a fim de fechar o cerco à heroica cidade que se defendeu com o maior heroísmo



Os dois ilustres artistas de cinema Jan Kiepura e Marta Eggerth, a bordo do «Vulcânia», na sua passagem pelo Tejo. O famoso cantor polaco vai aos Estados Unidos da América com a missão de arranjar fundos para auxílio dos seus compatriotas refugiados.

Não deve demorar-se muito nas paragens americanas. Algumas semanas apenas, segundo o seu cálculo.

«É que tenho pressa em voltar — declarou êle — pois desejo acompanhar de perto o esforço do povo francês, esse povo admirável que está disposto a bater-se até ao fim.»

Quando a Polónia sentiu o perigo que a ameaçava, Jan Kiepura correu tôdas as cidades do seu país, cantando em recintos ao ar livre, para angariar donativos destinados à Defesa Nacional. Dias depois de chegar a Paris, é que se deu a invasão.

NOTÍCIAS DA QUINZENA



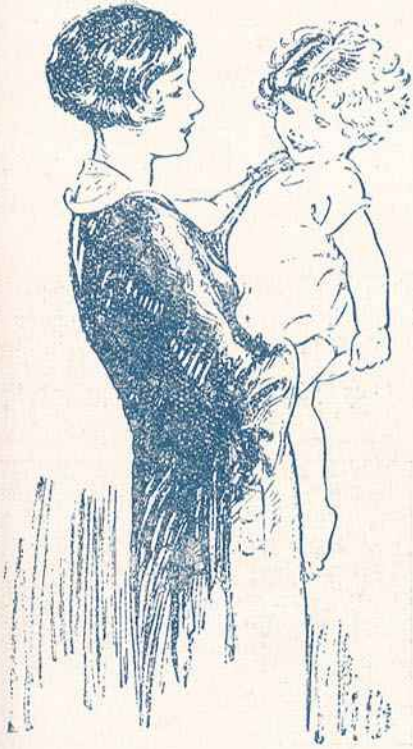
O sr. comodoro Sousa Ventura, comandante da Fôrça Naval da Metrópole e o sr. capitão-tenente Quintanilha de Mendonça Dias, seu chefe de estado maior, assistindo aos exercícos navais. A Fôrça Naval da Metrópole é constituída por 1 aviso de 1.ª classe, 1 aviso de 2.ª classe, 6 contratorpedeiros, 3 submersíveis e a fragata «D. Fernando II e Glória» para servir eventualmente de navio chefe



O funeral do prof. dr. António dos Santos Lucas, coronel de engenharia, lente jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa e antigo ministro das Finanças. Junto do jazigo, como a gravura acima representa, falou o sr. dr. Victor Hugo de Lemos em nome do Conselho da Faculdade e dos antigos alunos do ilustre extinto. — A' direita: Choque de uma camioneta contra uma árvore na ladeira das Alminhas, próximo de Leiria, resultando três pessoas gravemente feridas



AMOR—ETERNA LOUCURA!



vez, sentira o amparo duma afeição que lhe iluminava a escuridão da alma em desespero.

Ele comoveu-se com a sua miséria, reconheceu nela a virgem imaculada que a desgraça espreitava, e amou-a.

Ela, criança quasi, amou-o com todos os amôres que nela se guardavam, ciosos.

— Oh! Como ela amava Carlos, Carlos que lhe dera a vida para que ela o amasse!

E êle adorava-a... adorava-a...

Agora?!!

Os seus olhos tristes, atentos no relógio, sofreram mais.

— Êle já não vinha... já não gostava dela, portanto!

Um soluço! Não foi mais do que um soluço... O coração cansado, cansado de tanta dôr, cansado de tanta mágoa, não pôde suportar.

Num papel, ao acaso, a mão débil traçou algumas linhas aflitivas.

«Tu não vens... não vens... não gostas de mim, tu que foste o meu «único amor!...».

Depois, a cabecinha pendeu-lhe, o olhar cerrou-se-lhe, e ficou imóvel.

Morta?— Talvez para tôdo o sentimento.

Num bercinho, junto dela, vagia um bebê.

Batem à porta, repetidas vezes. Ninguém abre. Um punho forte rebenta a

fechadura e um homem entra. Foge-lhe dos lábios um grito.

— Maria das Flôres!

Mas Maria não dá acôrdo de si; permanece imóvel, inerte, fria e álgida como a sepultura onde o sônho vai encerrar-se.

O apêlo do homem torna-se mais ardente, mais aflitivo, transbordante de angústia e dôr.

— Maria das Flôres! — e mais baixinho — Meu amôr... Eu tardei tão pouco!...

A pobre rapariga não fêz um gesto e essa imobilidade aterrou-o.

Que fazer?

* * *

Dias depois, Maria das Flôres, perdida a luz do entendimento, dava entrada numa casa de saúde.

Para ela o mundo acabara, a vida deixára de ter razão de ser.

Enlouquecera...

E o homem que viu fecharem-se sobre ela as portas dêsse jazigo de vivos, apertando nos braços um bebê risinho, compreendeu que, na verdade, o Destino exigira que, para Maria das Flôres, só tivesse existido um único amor!

Amôr — eterna loucura!...

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE

— Tu não gostas de mim!...
Eterno gemido dum coração que ama, dum coração que se entregou, dum coração que em cada alegria pura encontra o tormento da dúvida cruciante.

— Êle não gosta de mim!...

Maria das Flôres — nome gentil que um capricho de amor lhe dera, por o romance paterno ter começado com flôres — levantou a cabecinha triste e seus olhos, duma côr inceria mas bela, poisaram-se lagrimosos na fotografia a que dirigia a censura.

Minutos; faltavam apenas minutos para que o seu destino se decidisse. Carlos partiria? Carlos levá-la-ia com êle? Seria capaz de tão nobre gesto?

Carlos!

E tôdo o seu drama lhe acudia à mente enfraquecida.

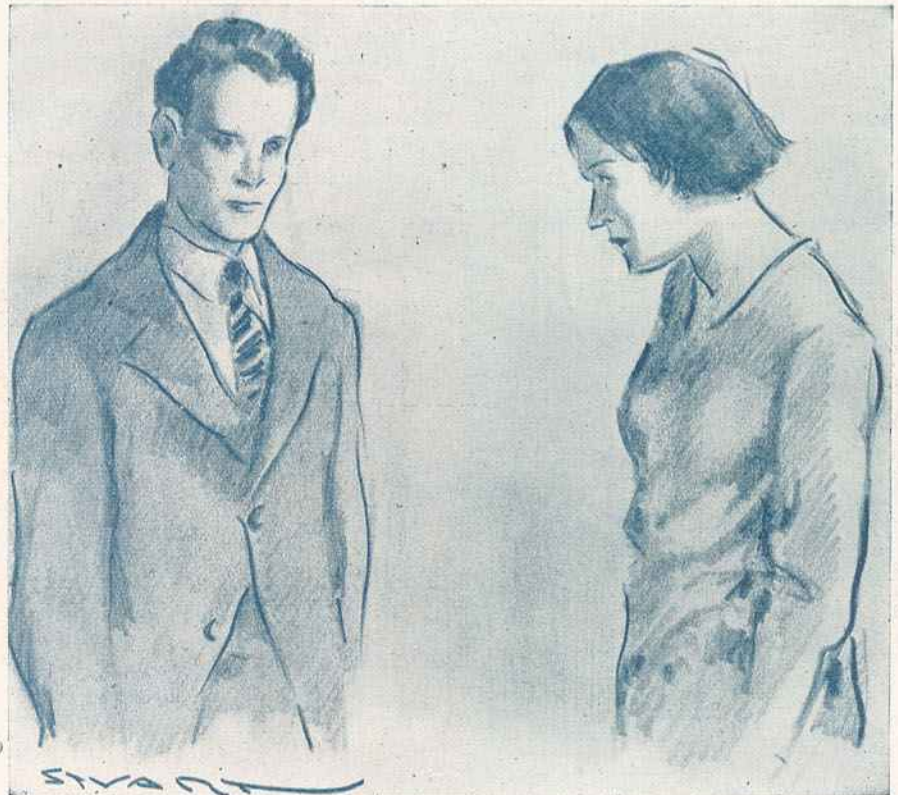
Fôra numa noite de inverno. Ao regressar do escritório, mal precavida contra o frio e contra a chuva, doente talvez, exausta de tanta lida, fatigada de tanta lágrima, renunciára a viver.

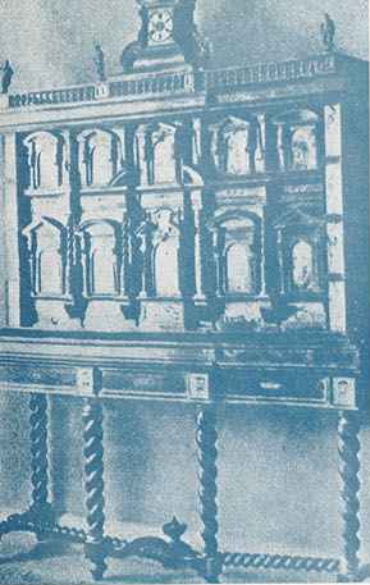
Para que havia de existir? Para quê? Se ninguém lhe estendia os braços a amparar-lhe o corpo débil, se a ninguém interessava o pobre sorriso do seu rosto macilento, se a ninguém era preciso o cuidado da sua alminha solitária!

Pobre isolada do mundo, orfã desde criança, educada numa casa de caridade, ave sem ninho e sem ternura, penas arqueadas no vendaval da noite escura do destino, que as estrelas do affecto não aclaravam, Maria das Flôres — Maria das Dôres por tanta dôr sofrida — renunciára a viver. Mas... eis que um braço se estende, eis que o salto derradeiro para o turbilhão das águas revoltas lhe é vedado por um corpo forte.

— Criança... criança....

E deixara-se levar... e, pela primeira





O famoso «Armário dos Venenos» de Lucrecia Borgia

MUITO se tem escrito sobre a celebrada Lucrecia Borgia, a linda mulher que uns consideram uma execrável criminosa e outros uma pobre vítima das mais atrozes calúnias.

Lucrecia Borgia



No entanto, os acusadores persistem na sua, julgando-se apoiados em provas irrefutáveis e concludentes da culpabilidade da envenenadora Lucrecia Borgia, digna discípula de seu famigerado pai. Sabia-se que, em princípios do século XIX, o cardinal de Médicis oferecera a Alexandre I, da Rússia, um móvel curiosíssimo, estilo Renascença, com preciosos adornos. O Médicis patenteava assim ao soberano moscovita a sua gratidão pela ajuda que este se dignara prestar aos católicos russos.

Tratava-se, nada mais, nada menos, que do famoso «armário dos venenos» que Cesar Borgia oferecera a sua irmã Lucrecia, sendo natural que escolhesse o que lhe fôsse de mais utilidade.

Este armário mede 1^m.64 de altura, por 2^m de largura, e 0^m.62 de fundo, e é ornamentado com incrustações preciosas e esmaltes primorosos. Na parte alta ostenta graciosas figuras de bronze que denunciam a mão dum escultor de génio. Em cima, ergue-se também um relógio de bronze, cujo mostrador marca apenas seis horas.

Vem a propósito dizer que o conhecido professor e crítico de arte, Max Liebermann, apreciando os esmaltes que enfeitam o terrível armário, disse:

«É a mais maravilhosa obra de arte da Renascença que conheço».

Ora, a peça mais apavorante que o armário contém é a fechadura, pois oculta uma fina agulha impregnada dum veneno subtilíssimo.

Quando alguém, ignorando o segredo, fazia girar a chave, a agulha, impelida pela pressão, cravava-se na mão do incauto que tinha morte imediata, resultando inúteis todos os esforços empregados para o salvar. E, como nesse tempo, não se chegara ainda ao aperfeiçoamento actual das investigações por meio de autópsia, a causa da morte ficava sempre envolta no mais denso mistério.

Assim morreram, segundo se diz, muitos dos inimigos e até amantes incómodos da formosa Lucrecia.

Era este o «armário dos venenos» que, um dia, um Médicis ofereceu como prenda valiosa ao soberano autocrata de todas as Russias.

O móvel conservou-se durante mais de um século na posse da casa imperial dos Romanov.

Pois em 1917 foi levado da Rússia por uma engenhosa maneira.

Segundo o relato dum repórter, a acção passa-se nas proximidades da fronteira da Finlândia, nos horrorosos últimos dias de Novembro de 1917.

Anoitecia. Um campónio guiava uma carroça através duma dessas longas e penosas estradas esmaltadas de gelo. Era necessário usar da máxima precaução, visto

UMA RELÍQUIA APAVORANTE

Onde foi parar o «Armário dos Venenos», de Lucrecia Borgia? Quem o levaria da Rússia onde se encontrava há mais de cem anos?

aparecer a cada passo um guarda vermelho farejando fugitivos. Os bolchevistas tinham-se apoderado do poder e aperlavam, tanto quanto possível, a sua rede.

O campónio seguia com a maior calma guiando a sua carroça.



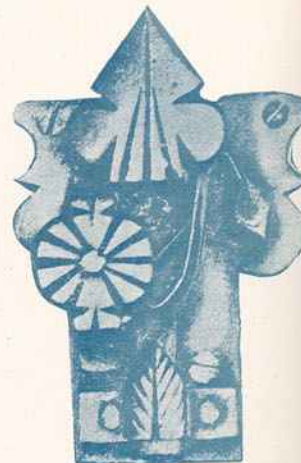
Medalhão de Lucrecia Borgia

— Faça alto! — ordenou a voz áspera dum guarda apontando-lhe à cabeça um velho e pesado revólver Colt.

O campónio fez parar o veículo.

— Onde vai, camarada? — perguntou o guarda vermelho, alçando a sua lanterna.

O campónio, sem manifestar grande



A terrível fechadura envenenada do famoso armário

contrariedade, apeou-se, e deu algumas palmadas no torso e nos membros para se desentorpecer do frio.

— Boas noites, camarada! — cumprimentou ele numa voz que parecia entarrelada pela vodka — Vou de regresso a casa que fica a poucos quilómetros da



Lucrecia Borgia

fronteira... Há já várias semanas que não vejo nem a mulher nem os filhos.

— Bem — replicou a sentinela — Para isso deve trazer papeis de 1.^a classe para passar a fronteira a estas horas... Venham eles.

O campónio e o guarda entraram no pósto onde se agrupavam vários guardas vermelhos de má catadura que bebiam e fumavam em volta do «samovar».

O campónio abriu o capote e a jaqueta, e, depois de procurar um bolso falso debaixo da encardida camisa, tirou uma pequena carteira.

— Aqui estão os meus papeis, camarada, — disse por fim o campónio, exibindo os documentos exigidos — Como vê, estão aqui, todos pelo próprio comandante de Petrogrado.

Depois de examinar detidamente os papeis e de consultar em voz baixa os seus companheiros, o guarda devolveu a documentação ao campónio.

— Muito bem — disse ele — Os papeis estão em ordem. Agora vamos ver o que vai na carroça.

E, acompanhado por um camarada que dava ao diabo tão impertinentes viajantes que vinham importuná-los a tais horas, saltou atrás do campónio.

— O que levo está bem à vista — elucidou este — Móveis mais velhos que Matusalem...

— Para que serve isto?

— Eu lhe digo, camarada... É que minha sogra teve a bela ideia de morrer, deixando estes miseráveis trastes... Dai... como se compreende...

— Que é isto? — perguntou um dos soldados indicando um móvel grande que estava no fundo da carroça.

— Um armário, ao que parece... É isto, camaradas. Só quem atura mulheres é que pode fazer ideia das estopadas que nos pregam... Dando-lhes na telha, abusam da nossa paciência e encarregam-nos do transporte de trastes inúteis.

— Mas este armário não parece inútil de todo — objectu um dos guardas.

— Ora, para que diabo prestará isto?... Lá a patrão é que mostrou o maior empenho em ficar com este armário que, segundo ela diz, é uma recordação de seu pai... Como foi ele quem o fez, vão lá tirar-lhe a mania da cabeça... Caprichos de mulheres...

— Está bem — rematou o guarda — pode seguir o seu caminho.

— Até à vista, camarada.

E o campónio voltou a saltar para a boleia e fez estalar o chicote, seguindo a carroça através da estrada coberta de gelo.

Quando transpôs a fronteira, soltou um suspiro de alívio.

— Escapei de boa! — murmurou ele — se aqueles rafeiros farejam um pouco mais, e dão pela coisa, nem a alma se me aproveitava!

Foi assim que saiu da Rússia o fa-



Os preciosos esmaltes do «Armário dos Venenos»

moso «armário dos venenos de Lucrecia Borgia». Onde se encontrará ele hoje?

Em 1951 estava guardado numa modesta vivenda dos arredores de Berlim, pertencente a um antigo secretário do estadista russo Sergio Witte que teve alta influência na Córte de S. Petersburgo.

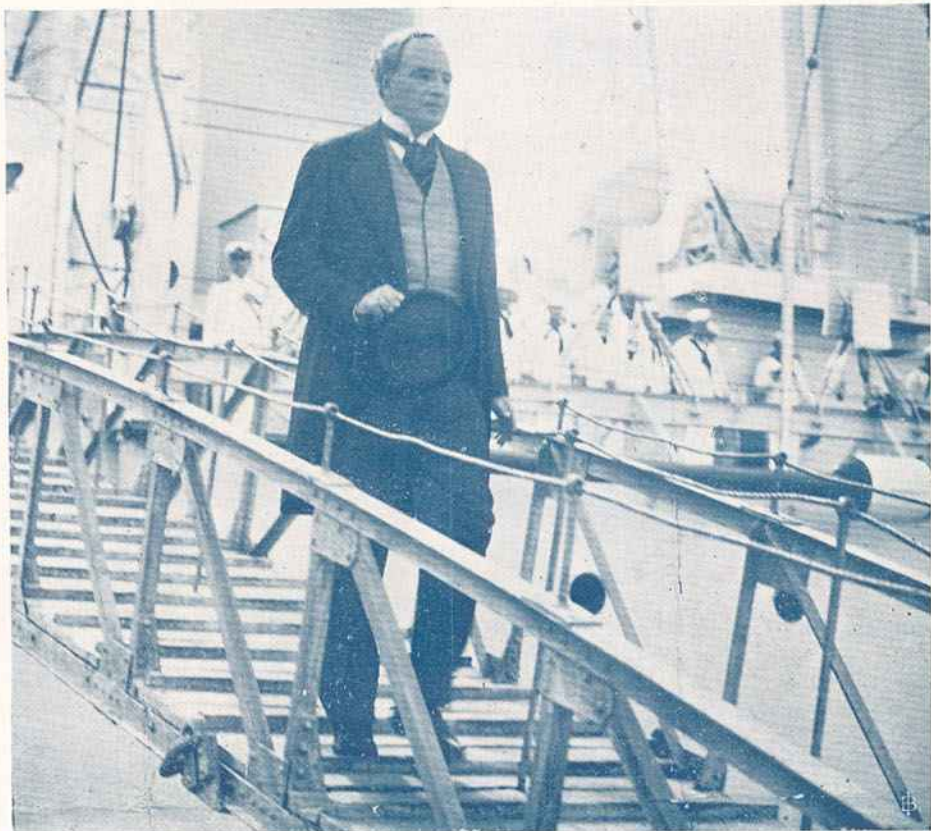


Lucrecia Borgia

ACTUALIDADES DA QUINZENA



Um curioso aspecto da torre do navio-almirante americano «Trenton», da esquadra americana que entrou no Tejo. Na gravura à direita vê-se o sr. Ministro da América, sr. Pell, saindo de bordo do «Trenton» onde foi recebido pelo almirante Courtney, comandante da esquadra americana em águas da Europa



Os finalistas do campeonato de «volleyball» organizado pelo professor Estevão Torok, nos torneios da praia do Estoril. A vitória coube à equipa Estoril-Zuncha A, que bateu na final a da Associação Académica do Monte Estoril por 15/15, 16/14, 21/16. — A' direita: Senhoras concorrentes do Torneio Americano de Pares Mixtos para juniores

A TODOS OS AMIGOS DA "ILUSTRAÇÃO"

O cataclismo da guerra perturba tôdas as actividades, atingindo gravemente a economia desta "Ilustração". O preço das gravuras que a empresa da "Ilustração" pagava a 20 centavos cada centimetro quadrado com 10% de desconto, foi elevado a 30 centavos com o mesmo desconto, ou seja um aumento de 50%. Acresce também a circunstância do papel ser importado do estrangeiro — porque o papel couché não se fabrica em Portugal — e sofrer o aumento do seu custo, o do frete, o prêmio do seguro de guerra e ainda ficar-se na contingência de receber ou não o papel. Estas razões imperiosas criam à empresa proprietária desta revista, única ilustração portuguesa no género, registo literário e gráfico dos acontecimentos, e que constitui o arquivo ilustrado de toda a actividade do Estado Novo, graves embaraços.

Não se fabricando o papel couché em Portugal, não havendo pois industria nessa especialidade a proteger, — os direitos de importação, atingem com as diferentes alcavalas a dois escudos por quilo, — seria de considerar uma redução dessa exageradissima taxa.

OLHANDO A LUA...

TRÊS da manhã. Não tenho sono e estar deitada, sem dormir, é coisa que não me agrada.

Levanto-me e vou à janela que dá para o quintal.

Fico maravilhada com o belo espectáculo que ante os meus olhos se desenrola.

Tudo inundado de luar, as nespereiras reflectem-se no chão, num desenho surpreendente, no recorte das folhas filigranadas de luz.

Ao lado da lua uma estrela só, uma única estrela no céu.

Fico-me estarelecida; a alma a transbordar de sensações curiosas que não sei dizer, a olhar, ora para a lua radiosa, ora para a estrela que pica uma ligeira névem com um ponto luminoso.

E penso quanta gente, em qualquer hora da noite, lá muito longe, em sítios diversos, vê esta mesma lua que me entorna pelo quarto dentro uma doce claridade.

E entra comigo um triste cismar nas coisas amargas da vida, que podiam saber a mel, se nós as encarássemos blindadas num sereno optimismo, em vez de acicatadas pela dúvida ou por uma idéia ruim.

Tal como se recebe o beijo de quem se ama:

*Os beijos que tu me dás
Têm dois sabores diferentes:
Mel, quando acredito em ti,
Fel, se penso que me mentes.*

Porque não há-de a gente correr com todos os maus pensamentos que vêm perturbar a tranquillidade do nosso sentir, e porque não preferimos deixar-nos embalar pela ilusão, já que a ilusão é a própria felicidade?

Esta mania de profundar, de querer saber mais além, estraga tudo quanto nós pretendemos forjar nas oficinas da ventura, como o vendaval faz campo razo dos mais floridos canteiros.

Para que havemos de querer tirar a limpo situações que assim como estão nos dão a idéia de que alguma coisa conseguimos daquilo que ambicionávamos?

Isto de apurar de mais a nossa inteligência, para penetrarmos nos reconditos confusos da alma do próximo, só nos traz decepções.

E a vaidade de nos julgarmos esperos acaba com essa linda ignorância das traições e das deslealdades, essa ignorância, única garantia da ilusão em que vivemos dum sonhado amor que nos coube ou duma cubiçada amizade que afinal a nós se chegou apenas por interesse, e que depois de locupletada se desvia, voltando-nos as costas, e singra em direcção a outra alma confiada e simples, que mete no fundo do mar das desilusões, depois de saqueada. Porque não há piratas só nos mares.

Existem pelo mundo fóra em terra firme, atravessam palácios, salões e choupanas, e põem a saque as almas e os bens de quem acreditou nas suas falas mansas e ao parecer honestas.

E pensarmos que sob esta lua prateada, que convida a sonhar tão lindas coisas, homens se matam, levados pela ambição de uns e pela generosidade justiceira de outros, quando seria tão fácil um entendimento comum de paz, vivendo todos como irmãos em Cristo, socorrendo-se e amparando-se mutuamente, desfazendo equívocos pela palavra persuasiva e bem intencionada.

Ainda há pouco eu sorria, embevecida, para um encantador desenho de Stuart, no *Diário de Notícias - Intervenção*.

Um par amoroso — êle soldado — abraçava-se comovido, enquanto Cupido, o Deus-menino — mandava calar o canhão.

Quando será que o ferro e o aço não-de servir unicamente para enriquecer as artes e as indústrias?

Quando há-de o ódio ceder, para sempre, o lugar ao amor entre os homens?

Quem dera que por todo o mundo se pudesse cantar, sentindo-os e vivendo-os, aquêles versos do *Rosmaninho*, de um tão bíblico sabor:

*Na minha aldeia
Não há ódios, só estimas,
Tem-se amor pela vida alheia,
Todos são primos e primas.*

*Sem ambições,
Cada qual seu pão grangeia,
E à noite há serões,
A' luz da candeia.*

Que lindo ideal! E foi isto mesmo que Jesús prégou...

Fechei a janela e venho saboreando ainda deliciada o encanto dessa visão.

Mas daí a momentos quis vê-las outra vez, a lua e a sua companheira no espaço infinito.

Voltei à sacada e tôda a magia se desfez.

As árvores já não se recortavam no solo, desenhadas à luz.

Erguiam-se, agora, opacas, dum verde negro.

A estrelinha debatia-se por detraz duma névem, crivando-a com as suas pontas de claridade, de quando em quando, até que de todo se sumiu, vencida.

A lua estava como que embutida, num círculo azulado que, a pouco e pouco, a foi absorvendo, espalhando a treva.

Porque não me contentei eu com a minha primeira impressão, e guardei dela o encanto percebido?

Quem me mandou querer ver mais e melhor?

E é assim sempre a mesma penosa impressão, o mesmo desmoronar de sonhos, quando nos debruçamos outra vez sobre as almas que nos encantaram na primeira vista.

MERCEDES BLASCO





O estado actual da «Árvore da Fôrça»

No Jardim da Cordoaria, do Pôrto, encontra-se ainda um antigo negreiro que os orvalhos de mais de três séculos uniram e ainda se levanta arrogantemente entre as árvores mais jovens que o rodeiam.

O local onde existe hoje o Jardim da Cordoaria chamava-se há trezentos anos o Campo do Olival, e ficava então fora das portas da cidade.

Felipe II, desejando dar um ar da sua graça aos portugueses, e querendo demonstrar-lhes que não os esquecia um momento sequer, ordenou ao Senado, em carta datada de 1611, a plantação de uma alameda no Campo do Olival, e como ela seria de «muito ornato e comum benefício da cidade» determinava que se fizesse imediatamente a arrematação da obra para a qual destinava parte do imposto de um ceitil sobre o vinho.

O rei nomeava ainda superintendente das obras o desembargador Manuel Sequeira Novais.

Como o Campo do Olival fôsse utilizado para revistas militares, o sargento-mór, logo que soube do régio projecto,

Um aspecto da cidade do Pôrto



lavrou acto continuo o seu protesto. O Senado, reinido para êsse fim, deu razão ao sargento-mór, fazendo por esquecer as ordens do monarca.

Outras entidades, porém, interessadas na realização da obra, chamaram a atenção de Felipe II que, em nova carta, insistiu pela immediata satisfação da sua régia vontade.

Não houve outro remédio senão obedecer.

O Senado ordenou a plantação da alameda, que ficou concluída em 1615, sendo logo nomeados pelo rei quatro guardas.

Foi assim que nasceu o famoso negreiro que é hoje conhecido por «Árvore da Fôrça».

Como se formou a lenda?

Dizem os eruditos que esta árvore nunca serviu para enforcar desgraçado algum, embora tivesse assistido a horrosas cenas de sangue, especialmente a de 14 de Outubro de 1757 em que foram decapitados, por ordem do Marquês de Pombal, trinta e quatro implicados numa causa que tem sido julgada, por diversas formas, pela História.

A propósito, o ilustre agrônomo sr. Duarte de Oliveira Júnior, escreve no «Journal de Horticultura Prática»:

«Nesse momento, a malfadada árvore, envergonhada em face daquele estado de civilização, não derramava lágrimas, mas desprendia as suas folhas, que, impelidas pelo vento outonal, iam cair aos pés dos condenados — dêsse miseráveis que tinham ousado erguer a voz contra a Companhia dos Vinhos, que, tal qual a fundaram, era uma das mais repugnantes imposições dum ministro despótico, rancoroso; a vergonha duma nação inteira que soubesse pensar.

Trinta e quatro pessoas pereceram em frente dêsse colosso vegetal que hoje admiramos, e ao qual todos dão o nome simples, mas bem definido, de Árvore da Cordoaria.

Não se confunde com outra. É como se se dissesse: «O grande anão; o livro que encerra a história da nossa cidade, de mais de dois séculos».

A todos viu ela nascer; conheceu os nossos avós, e a alguns dos nossos bisavós recebeu ela os últimos alentos.

Em 1860 deram as tôres sinal de incêndio, chamando o auxilio para a circunscrição da Vitória. Tinha-se declarado fogo na árvore secular, causado

A VELHA LENDA DA «ÁRVORE DA FÔRÇA»

e o carinho de que o Pôrto a rodeia

por uma fogueira dos cordoeiros. O incêndio extinguiu-se prontamente, e em seguida, a instâncias do falecido dr. Assis de Sousa Vaz, tratou-se de proteger êsse monumento do Pôrto.

Na parte cariada e ofendida pelo fogo colocou-se uma chapa de ferro, para a proteger, e à volta pôs-se um gradeamento de ferro, que foi retirado em 1869, quando, devido à iniciativa do sr. Visconde de Vilar d'Aleu, então membro da Camara Municipal, se ajardinou a praça.

Este cavalheiro foi nêsse tempo altamente empenhado, segundo as suas próprias palavras (Almanaque do Horticultor, 1879, pag. 105), para melhorar a arquitectura daquelle venerável espécime, pretendendo, os que isso pediam, que os seus ramos não eram regulares, e que mostrava assim uma aparência de maneta.

O sr. Visconde de Vilar d'Aleu, que ainda hoje podemos afirmar que foi quem mais serviços prestou à jardinagem portuense, nunca anuiu a tão insólito pedido. Respeitou o ramo mais insignificante da árvore, como quem respeita as cinzas dum seu antepassado.

Em seguida veio a gerência do sr. Manoel Justino de Azevedo, e então falou-se muito de que o Alamo ia perecer — e nós muitas vezes nos convencemos disso, porque, nessa época, houve um verdadeiro furor contra tôdas as árvores. Enfim, o receio da censura dos poucos que então estigmatizavam tal proceder, ou reflexão mais madura, pouparam o *Ulmus campestris*, até que o fortissimo vendaval da noite de 2 de Fevereiro lhe fez perder um frondoso ramo do lado do nascente.

Ficou muito defeituoso; mas o infrene vendaval não nos quis privar dêle totalmente.

Centenas de pessoas rodeavam-no nesse dia, e como que corriam a prestar-lhe homenagem de respeito.

E-nos difficil precisar com exactidão a idade dêsse Alamo (*Ulmus campestris*), porque nos faltam elementos para determiná-la.

O que era em 1758 di-lo um escritor em 1788:

«O Campo da Cordoaria é rodeado de três filas de grossos e elevados Alamos plantados no mês de Fevereiro de 1758 em forma de uma grande praça vazia, a qual deixaria livre para o Passeio Público um largo e formoso Terreiro, se nêle não trabalhasse a grande e importante Fábrica de cordas e calabres».

Estes três renques de Alamos que o autor descreve, plantados em 1758, estão ainda na memória de muitos dos que hoje vivem; mas de nenhum dêles é,

por certo, a célebre Árvore da Cordoaria que hoje existe, e que foi condenada à morte, como tôdas as outras da cidade, por ocasião do cerco.

Nós dar-lhe-íamos antes o nome de Árvore da Liberdade, porque foi ella uma das testemunhas que assistiu ao hastear da bandeira da nossa independência. Viu correr sob os seus ramos o sangue das vítimas; ouviu o troar do canhão e o sibilar das balas, e por mais de uma vez seria ferida durante a refrega.

As companheiras de batalha pereceram tôdas aos golpes de machado, e só ella foi respeitada, porque, então, era talvez a ma's formosa e a mais alleanira: occupava entre ellas o lugar de honra.

Afirmaram-nos que foi o dr. Francisco Faustino da Costa, então provedor da Misericórdia, quem pedira a D. Pedro IV que a mandasse poupar.

A máxima idade que o *Ulmus campestris* atinge é de 555 anos e, segundo tôdas as probabilidades, o que existe na Cordoaria deve contar, pelo menos, 274.

Veámos alguns documentos extraídos do arquivo da Câmara Municipal do Pôrto e que dizem respeito à alameda da Cordoaria:

O Alvará Régio que mandou fazer a sua plantação à custa da imposição do vinho tem a data de 28 de Setembro de 1611 (Liv. IV de Proprias, fl. 254). Epela Carta Régia de 25 de Junho de 1612 é mandada fazer de novo a sua plantação (Liv. IV das Proprias, fl. 255).

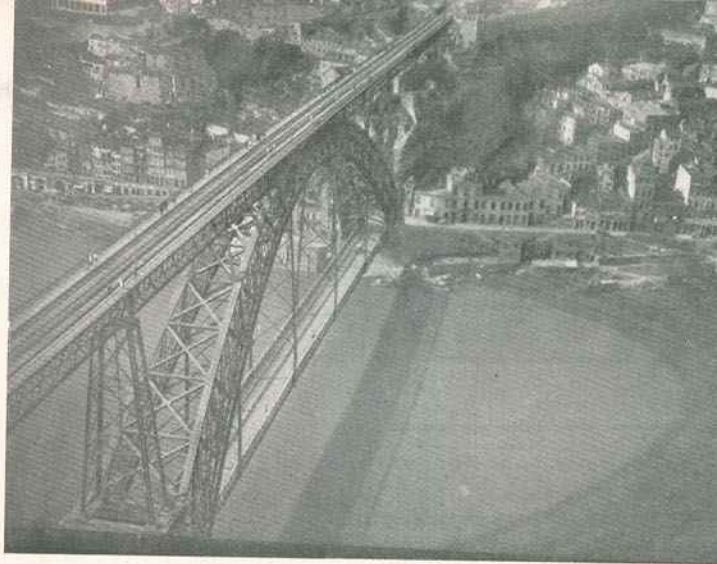
No Alvará Régio de 11 de Julho de 1612 ordena-se a nomeação de dois guardas com o vencimento de 15800 annuaes cada um, e proibindo a entrada na alameda, tanto de dia como de noite, sem licença dos mesmos guardas. (Liv. IX das Proprias, fl. 24).

E finalmente outra Carta Régia de 6 de Março de 1515 mandou continuar a plantação da mesma; que o número de guardas fôsse de quatro e que fôsem dispensados os cordoeiros de guardarem êste passeio, etc., etc. (Liv. IV, fl. 266).

Em face dêsstes documentos, não há que duvidar que o grande Alamo conta mais de 270 annos, ou perto de três séculos.

Dum para outro momento pode perder-se completamente, e a cidade inteira pranteará a sua morte, porque à sua existência estão ligados factos históricos do Pôrto, que jámais esquecerão.

Prolongar a sua vida não é hoje, porém difficil, e por isso lembramos e até pedimos, se tanto se tornar necessário, que no Outono se colham algumas sementes, para, por via delas, se perpetuar tão famoso vegetal, e que no dia 14 de Outubro de 1886 se disponham quatro destas árvores ao lado das quatro entradas do actual jardim, inscrevendo-



A ponte de D. Luiz sobre o rio Douro

se, próximo de cada uma, essa data sangüinolenta:

14 de Outubro de 1757

Agora, não; porém, mais tarde, a história occupar-se-a dessas vergôntes, que são o prolongamento da vida de um ser que bem do alto observou o que as gerações actuaes comentam por diversas formas.

Enquanto êsse colosso vegetal viver; enquanto êle tiver um único sinal de vida, cuide-se dêle como do enfermo que bate às portas da morte, como do parente estremo que está próximo a exalar o último suspiro, e mesmo depois

de morto conserve-se all o seu tronco, considerando-o uma relliquia da cidade; mas hoje coloque-se-lhe ao lado uma lápide com esta singela inscrição:

ÁRVORE DA LIBERDADE

Nasceu em 1611

Viu decapitar muitos inocentes

e vive ainda

em fins do século XIX
rodeada dos carinhos dum povo culto

Os povos têm hoje amor pela tradição, e é necessário respeitá-la.»



Um trecho da Ribeira

A ARTE EM PERIGO



Catedral de Reims

A guerra moderna, aiém das calamidades que uma guerra sempre trouxe à humanidade, desgraças tão variadas e tão grandes, traz ainda a irreparável perda dos tesouros de Arte que são a glória da humanidade, e, que são o mais rico tesouro dum país.

E que país há na velha Europa tão cheio de belezas, que nos legaram os que viveram antes de nós, que não tenha nas suas igrejas, nos seus monumentos, jóias dum valor sem igual porque são insubstituíveis como insubstituível é tudo o que é belo e desaparece.

A aviação é a arma da destruição e se ela nos aterra pelo mal que faz às pobres criaturas humanas matando-as, envenenando-as e destruindo-lhes as suas moradias, não é menos para temer os estragos que causa nas obras de Arte que arrazam, deixando-nos a saudade da beleza arquitectural, que tende a desaparecer, porque não é a arquitectura moderna que substituirá nunca a arte gótica ou a da Renascença, com as suas linhas direitas a sua falta de graça, que poderá fazer casas muito cómodas e adaptadas à vida moderna. Igrejas que tenham o máximo conforto, monumentos grandiosos até, edifícios enormes, mas nunca nos darão a beleza dum palácio de Shoeneubrum, nem a catedral de Colónia, a catedral de Milão ou o palácio Dória Pamphili, a Cartucha de Pavia e tantas outras maravilhas, de que todas as cidades de Itália, da Alemanha, da França e da Inglaterra se orgulham.

Como nós nos orgulhamos do nosso rico e grande património artístico, que espalhado por todo o país, se encontra nas velhas e antigas cidades da província e até em portas e altares de capelinhas e igrejas, por aldeias e serras fóra, como a velha Igreja de Bravães, ou a capelinha da Senhora da Ourada à beira da estrada de Melgaço.

A França como todos os países tem inúmeras obras de Arte e das mais maravilhosas muito conhecidas no nosso país, por aqueles que viajam e que se sentem atraídos por esse país, onde todos os viajantes se sentem bem, e, muito mais os portugueses, que em geral, falam francês. E quem é que nunca se sentiu atraído pela palavra mágica que é Paris?

Paris tem para todos atrações, para as senhoras a atracção da moda e das suas criações ideais, que nada pôde igualar e que em parte nenhuma se imitam, embora alguns países tenham tentado lançar a moda nacional.

As suas lojas, cujas montras são só por si uma distração para os olhos, embora se não compre o que elas exibem, montras que se podem classificar de verdadeira tentação.

Ali há de tudo e tudo elegante, belo, tentador. Não há mulher que não sinta prazer ao contemplar tanta maravilha, feita para a tornar mais bela, mais elegante e mais nova, se já chegou a esse ponto da vida em que começa o desejo da juventude ou pelo menos de a apertar.

Os que querem divertir-se encontram os me-

lhores teatros, uma ópera célebre, pela sua beleza e pelos seus artistas, cinemas funcionando a toda a hora com as maiores comodidades, com os mais modernos filmes, «dancings», «cabarets», «music-halls», toda a série de distrações.

E para quem aprecia conferências, tem os melhores oradores em salas onde encontra a fina flôr da intelectualidade de todo o mundo.

Os apreciadores de Arte têm na Cidade Luz os mais deslumbrantes museus de que é rei o Museu do Louvre, rico de colecções egípcias, de escultura grega, de arte italiana e da preciosa arte francesa.

Rico em joalharia o museu tem colecções interessantíssimas.

O Museu de Chuny, o edificio que só por si é uma jóia e que tem as maiores maravilhas, em mobiliário, jóias, cerâmica, rendas e vestuário, o Museu Guimet, o Museu Jacquemart André o Museu Carnavalet e tantos outros que fariam uma interminável lista.

Mas além desses museus tem Paris os seus monumentos admiráveis. Os Inválidos, o Arco do Triunfo, as suas Igrejas e essa jóia maravilhosa de arquitectura gótica, que é Notre-Dame.

Numa manhã de Julho passado, uma dessas manhãs cõr de pérola tão deliciosas em Paris, saí de casa na rua Bonaparte, essa rua de que tanto gosto no velho bairro da margem esquerda, e vim direita aos cais que segui.

Esses cais tão pitorescos, com as suas caixas onde se vendem alfarrábios, gravuras antigas, aquarelas e tantas coisas interessantes se encontram e deixando para traz a Praça S. Michel, surgiu aos meus olhos deslumbrante, atractiva: Notre-Dame, atravessei a ponte de Archevêchê e encontrei-me no Parvis em frente da maravilhosa jóia de que meus olhos se não podiam afastar e de que tantas vezes tenho saudades.

Entre e o meu espírito elevou-se para Deus, nessas naves de espiritual elevação e horas estive naquele ambiente de Arte embebida naquelas pedras magníficas, que pela sua beleza, são orações, e o tempo passou e enternecida me sentia perante tão grande e magestosa beleza, tão harmónica arquitectura tão elevada, em que sentimos ser ali o verdadeiro templo digno de Deus: e a sua casa.

A saída chuscava e mais bela estava a pedra molhada de que o meu olhar se não podia desprender.

E ao acaso segui nesse prazer que Paris mais do que nenhuma outra cidade dá, de ir só, ao acaso, «flanand» como os franceses dizem, e nessa manhã mais do que nunca senti,

o encanto forte de Paris e a beleza incomparável de Notre-Dame.

E os parques e jardins de Paris com as suas belezas e os seus monumentos. Esse velho jardim de Luxemburgo tão lindo com os seus castanheiros verdejantes, com os seus canteiros de fiôres, com o seu lago onde as crianças brincam com pequenos barquinhos.

E em cima a alea das rainhas de França, estátuas magestosas, que nos contam a sua história, santas umas, perversas outras, felizes algumas e desgraçadas outras, seqüência de estátuas que representam vidas e essas vidas a vida da Nação.

E num recanto que o arvoredo torna sombrio essa maravilhosa Fonte Médicis duma soberba arquitectura, em que o mármore branco do corpo de Galateia evoca a beleza feminina que Acis admira extático, enquanto por cima da rocha os espreita o gigantesco Polyphemo, pronto a esmagar o seu rival. E agora que a ameaça da guerra pairava sobre todos os espiritos, eu que tantas vezes tinha observado esta fonte debaixo do ponto de vista artístico, senti ao vê-la, que ela era um símbolo, a arte, a beleza, o amor, a vida, que o monstro da guerra espreitava para destruir, esmagando, queimando, arrazando tudo o que é belo tudo o que constitui o património dum país, a sua beleza que sem a maldade dos homens resistiria ao tempo, como séculos tem já resistido.

E agora que a guerra deixou de ser uma ameaça, para se tornar numa realidade quem é que não estremece ao pensar nesses tesouros de Arte, que estão expostos à destruição.

Monumentos que nos deram emoções que nunca esquecem, porque nos vêm do que o espírito tem de mais elevado, tornam-nos queridas essas obras de Arte, e é dolorosíssimo imaginá-las expostas, á fúria devastadora dum aviador brutal, que lhes lance em cima quilos de bombas.

E' triste a guerra; foi sempre um dos flagelos da humanidade, mas antigamente não era a destruição sistemática de tudo. Agora não há zonas de guerra, a aviação tornou tudo seu, e, as represálias exercem-se sobre as cidades indefesas, sobre as obras de Arte e se a guerra continua Paris pode ter a sorte de Cracóvia a heróica cidade polaca, que chora as suas admiráveis maravilhas góticas e da Renascença, que a aviação impiedosa destruiu.

E os que virão atrás de nós não terão belezas a admirar, a amar, a sentir como nós as admirámos, as amámos e as sentimos.

E o mundo para as gerações futuras será um montão de ruínas.

MARIA DE EÇA



A Notre Dame vista de noite

GIBRALTAR

FORTALEZA BRITÂNICA

GIBRALTAR foi, desde sempre, um importante ponto estratégico.

Já no longínquo século VII, quando os árabes atravessaram o estreito para virem conquistar a Península, donde seriam definitiva e completamente expulsos só oito séculos depois, estabeleceram-se, como em natural fortificação, na série de penedias que dominavam as Colunas de Hércules e tomaram depois a designação de *Gedel-al-Tarik*, Rochedo de Tarik, do nome do general comandante dos novos invasores.

Abrigados pela defesa que se lhes deparava e fazendo de Gibraltar a base de operações, como se diria em técnica moderna, os adeptos do Crescente estenderam-se por toda a Península Ibérica, enchendo de terror inaudito, porque os mouros eram dotados de uma grande crueldade, todos os que avistavam ao longe os turbantes brancos dos conquistadores.

E aí se conservaram os árabes até que os castelhanos de lá os conseguiram desalojar, em 1212, após a batalha de Navas de Tolosa.

A Espanha guardava, e muito bem, a sua preciosa conquista, baluarte que, regularmente defendido, se tornava inexpugnável e lhe dava a supremacia numa guerra no Mediterrâneo, de que assim conservava a chave.

Mas a Inglaterra, que ia formando o império colonial, muito extenso e espalhado por todas as partes do mundo, e que, ainda por cima, desejava, como único meio de conservá-lo e à sua influência, o domínio dos oceanos, não podia deixar de querer controlar todas as portas que dessem acesso aos diferentes mares. E — quem sabe? — talvez até já previsse a abertura do Canal de Suez, a gigantesca obra de Leseps, e a importância que tal facto havia de ter.

O que é certo é que aproveitou a boa ocasião que se lhe oferecia para se assentorear dos rochedos, que, atingindo 452 metros acima

Como era a antiga fortaleza de Gibraltar



do nível do mar, medem cinco quilómetros de comprimento e um e meio de largura. Foi-lhe, aliás, relativamente fácil tomar a presa: a praça, semi-desmantelada, estava guarnecida apenas por 150 homens.

A Espanha é que, claro, se não conformou com facilidade a ser assim desapossada dum tão preponderante posição.

Três meses depois da conquista os castelhanos atacaram, por terra e por mar, a guarnição inglesa, que estava reforçada e que tinha fortificado o melhor possível a praça que a Grã-Bretanha não queria perder.

O ataque espanhol malogrou-se pois, e o mesmo sucedeu a um novo assalto tentado em 1705.

Assinado o tratado de Utrecht, que reconhecia a posse de Gibraltar à Inglaterra, parecia que a questão devia ficar arrumada.

Não foi porém assim, porque a Espanha não perdia o sentido da praça que ingloriamente deixara a rebatar.

Desbaratada novamente uma expedição que tentara cercar a cidade em 1727, o governo de Madrid ofereceu ao de Londres uma indemnização de dois milhões de libras para que abandonasse Gibraltar, o que foi recusado.

Por um novo acordo, celebrado em Sevilha, outra vez se reconheceram os direitos ingleses, o que não obсто a que ainda em 1779

novo ataque fôsse tentado, com resultados nulos, como os antecedentes.

Ora, há 35 anos, a Inglaterra sentiu se ameaçada em Gibraltar.

Pelo menos, a imprensa britânica tocou a rebate, chamando a atenção do Governo para o perigo em que se encontrava essa fortaleza, considerada até ali inexpugnável. E, como se calcula, reclamou logo providências imediatas como o caso requeria.

Apareceram vários gráficos a demonstrar que todas as obras mandadas fazer pela Inglaterra em Gibraltar, à custa de muitos milhões e durante tantos anos, resultariam completamente inúteis no caso de rebentar uma guerra com a Espanha ou com um país que a Espanha auxiliasse.

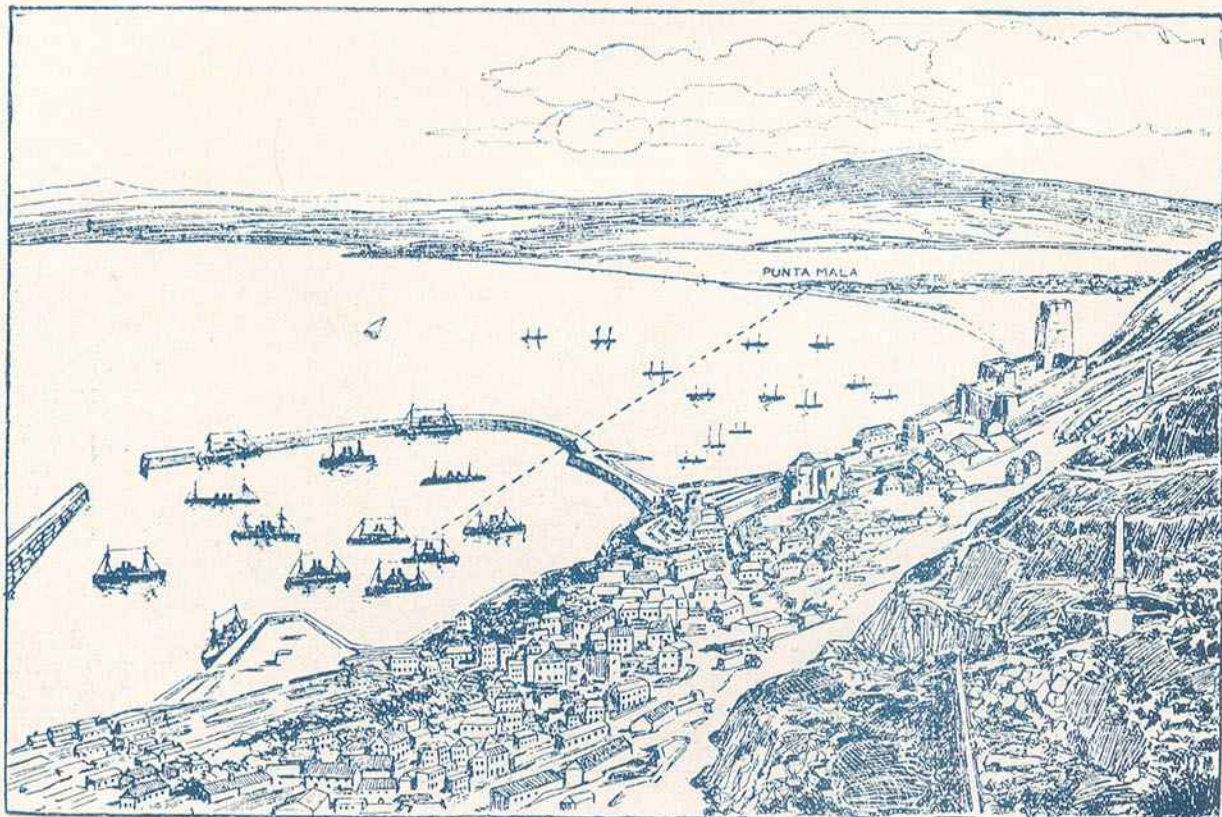
Num desses gráficos — o que publicamos a título de curiosidade — estava marcado o ponto donde surgiria o perigo.

Do território espanhol, de Punta Gorda, por exemplo, poderiam ser feitos tiros que barrariam o porto interior de Gibraltar, não deixando passar os barcos.

Adoptadas as necessárias e urgentes providências como o caso requeria, o perigo desapareceu... e Gibraltar continuou a erguer-se altaneiro e inexpugnável.

GASPAR DA CRUZ FILIPE

Gráfico de Gibraltar mostrando o perigo





Santo António — pertence ao conjunto do Desagravo — Século XVII

O presépio de S. Vicente, que faz agora parte das colecções do Museu de Lisboa, está perfeito e intacto, devido possivelmente às suas reduzidas dimensões, de todos quantos ali se expuseram. Fechado num armazém, limita-se a cena da Adoração dos Pastores e dos Anjos, num estábulo improvisado na sombra dum templo de clássicas colunas e uma faixa de parede truncada. Como fundo tem duma banda um castelo, e da outra um típico moínho de asas abertas. Por falta de espaço para mais desenvolvida composição, nele se não introduziram as costumadas cenas de romaria, nem tampouco as figuras dos Reis com a sua respectiva corte a cavalo. Parece pobre, mas é de encanto. Para mais, todo modelado por uma só mão, á excepção de pequeninas coisas, torna-se documento valioso para identificações dos restantes deste bloco. Partindo-se da obra assinada por Machado de Castro, que pertence á Sé de Lisboa, e passando em comparação com muitas das peças dos da Estrela e de Belas, facilmente é provável que este de S. Vicente foi desenhado e esculpido pelo mestre geral deles todos. E como este é de grande homogeneidade nas suas imagens, quer nas formas, quer nas cores, passa, portanto, a ser a melhor base para confrontos e deduções.

Muitas das suas figuras andam repetidas e dispersas pelos outros presépios. Um deles é o tocador de sanfona, que está reproduzido com particulares variantes na máscara, naquêle busto duma outra figura que o tempo mutilou, pertencente a um grande presépio que houve no mosteiro do Desagravo. Se não fosse a referida diferença de expressão na máscara deste, e o seu mais realista e vigoroso colo-

rado, reccariamos atribuí-las a dois escultores, sobre tudo pela semelhança de formas e jeitos no braço que segura o torniquete do instrumento, com a anatomia definida e escarpada, assim como a mão de dedos ossudos, com modelados exactamente iguais até á minúcia. Uma e outra, contudo, são casos a examinar por entendidos.

No mosteiro do Desagravo existiram dois presépios, um enorme e outro de menores proporções, que comparadas as peças existentes com as figuras do de S. Vicente, se constata ter sido inven-



Tímulo de Frei Cristóvão de Cerqueira Leão do Itálio — escultura em barro do século XVI



Esculturas em barro, por Cunha de Fica, Leal Garcia, Nicolau Possolo e José Joaquim Leitão

OS PRESÉPIOS PORTUGUESES

tado por Machado de Castro também.

No Museu das Janelas Verdes se conservam as poucas esculturas vivas d'estes dois presépios. De quanto nos resta no meio pequeno — Família Santa, alguns Anjos alados e outros músicos e orantes, alguns pastores isolados e parte da Glória — podemos asseverar êle ter sido concebido e executado por êste artista, pois que êstes Barros são inteiramente característicos da sua obra, com coloridos iguais, espírito exacto, doce de formas, lindo nos amaneirados com tendências para o naturalismo, com pormenores delicados nas extremidades das figuras e por fim, a novidade nos olhos de vidro, como outras imagens suas tiveram, no de S. Vicente e no de Belas, por exemplo, depois imitada por outros barrietas e santeiros, como se nota n'presépio dos Marquêses de Borba.

A imagem da Virgem, então, é flagrante de caracter. Todas as que Machado de Castro modelou são a mesma com variantes apenas nas posições, que, mesmo assim, são muito aproximadas.

Êste grupo de cinco presépios, não contando com outros que ignora, foi incontestavelmente traçado, composto e em parte modelado pelo grande artista da estátua do Terreiro do Paço, e pelo imaginário da basílica da Estrela, o qual muito antes de ir a Mafra, como barrieta consagrado, ajudou o italiano Giusti, havia com seu pai Manuel Machado Teixeira, modelador e discípulo dum tal António Ferreira, de Braga, aprendido

a arte de modelador, e se especializara no corte dos marmores com José de Almeida, rival de Giusti e como êste chegado há pouco de Itália.

Não podem subsistir dúvidas quanto a esta identificação em bloco, salvo no grande presépio do Desagravo, apesar das afinidades de forma comum em três ou quatro das suas figuras existentes. O da Sé, está assinado; o da Estrela e o de Belas têm por si documentos comprovativos; o de S. Vicente de Fora, reflete todas as provas plásticas da sua autoria; e o pequeno do Desagravo é em parte uma reprodução dalgumas peças daqueles. Para mais, temos os outros nove Barros, de cor natural, avermelhada, pertencentes ao Museu das Janelas Verdes e que foram estudos para estátuas conhecidas da sua autoria, que ajudam a atestar como documentos vivos, tudo quanto acima se conjectura e afirma, embora hajam sido modelados de antemão com o fim de ampliação e execução em material mais rebelde, que exigira prevenção especial no compor e solidificar dos volumes. Qualquer escultor, por muito pouco prático que seja, sabe quanto deve obedecer a estas observâncias, para evitar desconcertos na realização futura e definitiva das suas estátuas. E esta a causa das diferenças de forma e de volume nos blocos mais frágeis, muito vulgarmente constatada, entre um modelo em barro ou gesso, e a obra final desbastada em pedra.

Êste grande presépio, que segundo etiquetas coladas nalgumas das suas figuras, pertenceu a qualquer colecção ou igreja de Carnide, donde transitou para o mosteiro do Sacramento e agora repousa no Museu das Janelas Verdes, é outro grande e ousado mestre, igno-

rado como tal, pois que o deixou anónimo e sem qualquer identificação na voz popular, sendo uma das mais típicas peças portuguesas. Como os restantes grandes presépios, foi executado por três ou quatro escultores distintos. Nenhum deles, porém, tinha a capacidade técnica dos barrietas já citados, e só numa ou noutra estatuetta se descobre o cuidado de apuros no acabamento minucioso. No entanto, o artista que compoz os dois blocos de aldeões que la delam a cena do Nascimento, era um sábio combinador de agrupamentos, audaz e espirituoso, sem que em nenhum outro presépio apareça quem o bata. Neste quadro as dimensões são quasi iguais ás do da Madre de Deus; existe uma manifesta rivalidade com êste, mas com um sentido realista e popular mais franco, que o torna menos erudito, mas mais emocionante e mais português.

A nitida personalidade d'êstes artistas, de singelos recursos na execução, ganha na expressão geral pelo quanto aumenta na ternura de cada grupo. Possui, como se fosse uma réplica posterior de artistas menos consagrados, todas as particularidades de composição do da Madre de Deus; e como êle teve os seus barrietas especializados nos grupos da Família Santa e Anjos músicos e g'orificadores, dos pastores em adoração e no gôso da festa, das cavalgadas vistosas e compostas dos Magos, e das figuras isoladas, arquitecturas, notas caricatas, etc., próprias de aprendizes de segunda plana. Sempre, todavia, conservam êstes grupos um simpático naturalismo e uma não menos louvável originalidade, que até no bloco da Família Sagrada e dos Anjos se traduz em sobriedade, a qual sem dúvida se repete num grupo pequeno de presépio, outrora pertencente a Alberto de Sousa, que é hoje propriedade do dr. João de Castro Osório, e que por certo é do mesmo autor.

Quem será o mestre d'êste presépio e os seus colaboradores? Ignorámo-lo to-

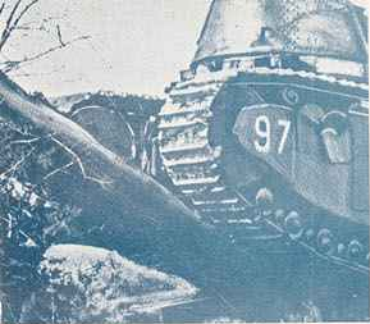


Escultura em barro policromada, do século XVIII — Autor desconhecida

talmente e nem por comparações com outros Barros do nosso conhecimento, os podemos descobrir. Aguardemos a sorte do aparecimento de qualquer arquívulo ainda não descoberto, que nos illicide êste e muitos outros mistérios sobre os barrietas portugueses. Quem os estudar um dia deve sobretudo analisar-lhe as formas e os jeitos de composição, visto a variedade dos colaboradores por vezes alterarem, não só o pitoresco dos grupos, mas também as cores com que encarnam as figuras, pintam os torrões e as vestimentas, alegrando ou escurecendo o aspecto geral dos quadros. Êste do Sacramento é sombrio e pouco valorizado de tom, salvo no grupo central da Glória, onde os ouros velhos e as carnes morenas se harmonizam com discretos toques de luz, que jogam bem com os escuros das estametas e panos humildes das cavalarias ao redor. As massas sólidas das cavalarias são notáveis de movimento, e atestam valorosa sabedoria no artista que as modelou. É também remarcável o grupo onde aparece a mulher de touca branca, á Greuze, amamentando um filho e sustentando outro ás cavalitas, que igualmente existe como motivo forçado, nos presépios de S. Vicente e dos Marquêses de Belas. Alguns pastores do primeiro plano, são peças de arte realista muito expressivas e perfeitas.



Esculturas em barro, por Alexandre Gomes, Leal Garcia, Machado de Castro e Nicolau Vilela



Um colossal carro de assalto francês desbravando todos os obstáculos

Novo visita de Ribbentrop a Moscovo levantou a suspeita de que o objectivo seria a próxima assinatura de um pacto militar germano-soviético.

Deve ter-se em conta que entre a Alemanha e a Rússia não tinham sido elaborados, de comum acordo, os necessários planos para uma acção conjunta, não só na Polónia, como na Europa Oriental e nos Balcans. Mais se verificou que não havia sido firmado qualquer acordo definitivo para uma acção comum contra as potências ocidentais.

Quando, um dia, forem publicados os documentos referentes às negociações anglo-soviéticas que se arrastaram desde Março até Agosto, e os cotejarem com os que reproduzam as conversações entre Schulenburg e Molotov que precederam a assinatura do acordo entre a Alemanha e a Rússia, o Mundo conhecerá então toda a verdade.

Fôssem quais fôssem as concessões reciprocas estabelecidas no acordo germano-russo, o que se está vendo é que os soviéticos reservaram para si uma liberdade de movimentos que está a produzir os seus frutos.

Pensou-se a princípio que a Alemanha e a Rússia teriam chegado a um entendimento quanto à partilha da Polónia, mas os factos vieram demonstrar o contrário. Já depois de iniciada a ocupação

do território polaco pelas tropas soviéticas, as autoridades militares, tanto da Rússia como da Alemanha, apenas puderam assentar numa linha de demarcação que evitasse os atritos e as complicações resultantes do encontro inesperado de tropas que, durante largos anos, viveram em franca oposição — e isso independentemente da delimitação futura das fronteiras polacas.

Entretanto, supõe-se que Hitler, conseqüido o seu objectivo, fará propostas de paz que se resumiriam no seguinte: «reconhecimento de um Estado polaco reduzido; dominação germano-soviética no sudoeste da Europa, e redistribuição das colónias».

Calculam os observadores diplomáticos que «estas condições seriam acompanhadas por garantias de não-agressão».

Como seria de calcular, uma tal proposta não seria aceita nem pela Inglaterra nem pela França que já estabeleceram o seu plano de não depôr armas enquanto não chegar a hora da vitória final.

Em boa verdade, o orçamento de guerra britânico veio confirmar que a Inglaterra está preparada para prosseguir na guerra tenha ela a duração que tiver.

E isto, francamente, não devia figurar nos cálculos alemães que visionavam uma guerra o mais rápida possível.

Justificando a sua conduta, a Alemanha publicou o seu Livro Branco em que foi alterado um telegrama da Havas.

Os pormenores são os seguintes:

«O governo francês, assim como outros governos interessados, foi abordado, duas vezes, pelo governo italiano acerca do projecto duma conferência destinada a regulamentar o conflito polaco-alemão: a primeira vez em 30 de Agosto, a segunda a 2 de Setembro. A 31 de Agosto, o governo francês, de acordo com o governo britânico, decidiu dar resposta positiva. A 2 de Setembro, tendo as tropas alemãs penetrado, havia 36 horas, em território polaco, e não podendo, por conseguinte, negar-se a agressão germã-

A cavalaria polaca em acção



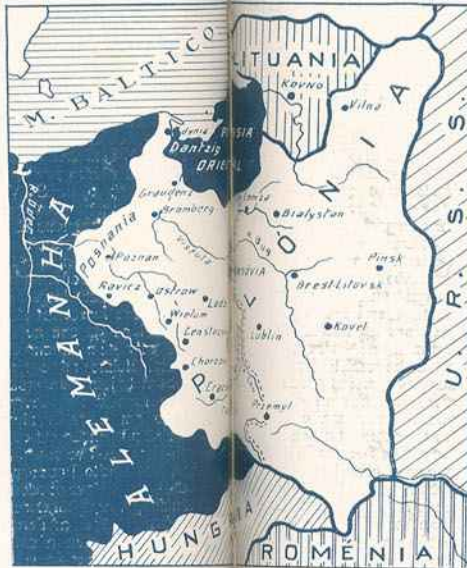
ASPECTOS DA GUERRA E AS SUAS SURPRESAS

nica, semelhante conferência não podia ser tomada em consideração, a menos que o governo alemão retirasse, previamente, as tropas do território invadido.

Foi isto que se declarou, imediatamente, ao governo italiano. O telegrama da Havas, que o governo alemão publicou, referia-se à primeira proposta italiana. Expedida na noite de 1/2 de Setembro anunciava que o governo francês tomara em conta ontem (seja 31 de Agosto) a iniciativa do governo italiano e que lhe dera resposta positiva.

O jornal «Le Temps», no seu número de sábado, 2 de Setembro, sublinhava claramente que a referida diligência fora efectuada na quinta-feira, ou seja a 31 de Agosto.

No texto publicado no seu Livro Branco o governo alemão, não hesitou, porém, em suprimir a palavra «ontem», que figurava no texto original do telegrama, a fim de insinuar que a resposta francesa a que ele se referia, dizia respeito não à primeira diligência italiana de 31 de Agosto mas sim à segunda de 2 de Setembro depois



O território invadido pelas tropas alemãs em 1939

e 15 horas de 2 de Setembro. Esta omissão e apresentação constituem verdadeira falsificação destinada a ludibriar a opinião pública alemã e estrangeira quanto à data, objectivo e alcance da «resposta positiva francesa» e a deixar supor que, mesmo depois da entrada das tropas alemãs na Polónia, a França mostrava-se, incondicionalmente, favorável a um projecto de conferência que a Grã-Bretanha, pelo contrário, teria declinado».

Todos se recordam da



A 1ª linha alemã

declaração que Chamberlain fez na Câmara dos Comuns no dia 1 de Setembro, salientando que «as propostas do Reich nunca foram por ele comunicadas à Polónia».

Declarou ainda que «o Embaixador britânico propôs a Ribbentrop que as transmitisse ao Governo britânico. Ribbentrop nos termos mais violentos declarou que não voltaria a pedir ao Embaixador que o visitasse».

Ribbentrop leu as propostas a Henderson com grande rapidez e em alemão, recusando-se a dar-lhe cópia em inglês, sob pretexto de que já era tarde demais visto que não fora enviado nenhum plenipotenciário polaco.

«Nunca recebemos cópia dessas propostas. Ouvimos falar delas pela primeira vez ontem à noite pela rádio alemã. É claro que, segundo o conceito germânico sobre negociações, assentes em exigências quase instantaneas, o plenipotenciário da Polónia devia ir a Berlim — onde outros tinham ido antes dele — e uma vez ali receberia um documento contendo exigências que deviam ser aceitas na sua totalidade. Na nossa opinião teria sido conveniente submeter de antemão essas propostas à Polónia que teria tido tempo de as estudar e dizer se comprometiam os interesses vitais de que a Alemanha anteriormente nos tinha dito que tencionava respeitar».

Chamberlain acrescentou que o Embaixador polaco informara Ribbentrop de que a Polónia estava pronta a negociar na base da igualdade. A resposta foi a passagem das tropas alemãs na

Um dos modernos carros de assalto franceses levando tudo na sua frente



Um tank francês com o seu disfarce de rama de árvores

fronteira ao alvorecer e, segundo se informou depois, o bombardeamento de cidades abertas. Nestas circunstâncias há só um caminho a seguir».

Foi assim que a Inglaterra orientou a sua acção.

Que conseguirá Ribbentrop em Moscovo? Tudo parece indicar que a tática de Moscovo consiste em apresentar não apenas os interesses e os pontos de vista da Rússia, mas os interesses e os pontos de vista de uma coligação em esboço, a qual se estende do Báltico ao Danúbio.

Que surpresas reservará a Rússia aos seus «amigos» e inimigos?

Uma coisa se apurou já no discurso de Churchill: «Cabia a Hitler dizer quando a guerra começaria, mas já não lhe compete dizer quando ela terminará».

Ainda assim, parece que as propostas de paz apresentadas pela Alemanha se baseariam em «um Estado-tampão com capital em Varsóvia e uma conferência de cinco potências para discutir os problemas europeus».

Que se seguirá?



As janelas iluminadas são quadros de fogo onde passam silhuetas gentis. Um par vem silenciosamente, encostar-se à balaustrada. Quem os não admiraria enamorados, no brando carinho com que ele a está olhando e no suave abandono com que ela se lhe apoia ao braço? Quem não lhes admiraria na alma o retalho de cue que às vezes Deus concede às criaturas?

Há um fluído de ternura que envolve os namorados e espalha em sua volta um halo radiante.

Era ele D. Joaquim Tomaz, o filho único do Consul e, ele proprio, apesar dos seus escassos dezoito anos, official ás ordens do general Holstein, e ela, moça e fidalga devia ser tambem — diziam-no a graça airossissima do seu porte e a nevada brancura das mãos esgulas. O official desapareceu, mas a jovem continuou encostada agitando, de espaço a espaço, um pequeno leque, ora abanando-se nervosamente, ora apertando-o contra o peito, numa ansia febril, reveladora.

Voltou elle em breve; e não tardaram em desaparecer de novo, regressando talvez ao turbilhão da dança.

Momentos depois, uma porta se abriu misteriosamente e duas sombras se desenharam na luz confusa da noite. Desceram, ligeiros uma escada estreita, disfarçada num dos ângulos do edificio, e alcançaram correndo o portão do jardim, sumindo-se, apressados na escuridão da rua. Eram eles ainda. Combinada a fuga, cujo motivo foi segredo que nunca revelaram, ei-los a caminho do amor e da aventura. Ela, apanhando no delicado braço a longa cauda que lhe embaraçava os movimentos; elle sobraçando o cofre que encerra as suas joias e o dinheiro que reputa necessário para o custeio de futuras despesas. Caminham em direcção do cais.

Uma barca de pesca ali os espera, acolhedora. A jovem cinge melhor ainda a cauda importuna, enquanto os seus pésitos calçados de setim, tateiam hesitantes a velha escada que os conduz ao interior do barco, onde há um cheiro a peixe e alcatrão, que lhe causa agonia. E, desfralda-



POISADO sobre a velha cómoda de pau santo está um leque antigo, pequeno retalho de seda polvilhado de ouro, branco e lucicante como petala orvalhada ou asa de pomba prestes a desferir o vôo. Protege-o uma pequena redoma. Ao alto, sobre uma peanha, um Menino Jesus ingénuo estende-nos, sorrindo, um ramito de flôres, na sua mão-sita papuda e rosada.

Em volta há retratos dos mortos, manchas fixando sombras desaparecidas... e santos, santos protectores familiares.

É ali que a velha senhora resa e lembra...

É tudo motivo de recordações. Do leque contou-me ela a história, num daqueles serões de inverno, em que apetece ouvir narrativas de amor, contos de fadas...

Foi numa noite de primavera, por meados a 1826. Floriam nos jardins os goivos e as acácias, perfumando o ar, e embriagando as almas. Já teriam soado as quatro horas, mas dançava-se ainda animadamente no palacete onde habitava D. Joaquim de Mendonça Pessanha, senhor de grande bens e nobreza, que muitos anos fôra Consul Geral em Cádiz de onde trouxera como esposa a mais linda e delicada flor, D. Maria Francisca, dama de honor da rainha D. Maria Luisa de Bourbon.

Amor, engano que na campa finda...

Como o feroz guerrilheiro "Remexido" sabia ser grato

da a vela, é a brisa protectora da primavera que os leva ao Algarve, a terra florida das brancas amendoeiras. Depois, por largo tempo ainda, para eles continua a peregrinação aflita. Quasi percorrem o Algarve inteiro: Sines, Messines, S. Brás de Alportel...

E em cada nova terra que aportam, mal têm tempo de trocar um beijo apaixonado e de reviver as emoções desses dias, em que baldões de diligências e embates de frágeis bateis, lhes devem ter parecido, doirados pelo amor que os transporta, mais suaves que todas as fôfas comodidades de bergantins e liteiras. Apenas instalados em hotéis ou pousadas humildes, logo uma voz, amiga segreda ao ouvido do pobre enamorado: — Foge, D. Joaquim, que há ordem de El-Rei para te prender!

E elles lá vão de mãos dadas, arrastando o calvário luminoso do seu grande e malfadado amor... Um dia enfim, ou antes, uma noite, a graça de Deus tocou a fronte do par infortunado. Foi em Loulé; cheios de inquietação e ansiedade, tinham ido bater á porta de Frei Maldonado, varão bondoso que muitos anos fôra capitão dos Condes da Anadia. De joelhos lhe suplicam que os case para



O «Remexido»

que um laço forte e sagrado os venha unir perante Deus e os homens. E o frade, comovido, accede e os abençoa. Sorriem, finalmente triunfantes. Já nada pode agora separá-los! Nem mando de El-Rei, nem malquerenças de famílias. Que só por grandes odios e malquerença se concebe que dois entes de igual nobreza e riqueza se arrisquem a sofrer tamanhas provações. Libertos enfim, prepararam-se para gozar num lar aconchegado, as primicias do seu grande amor.

Já outras primaveras se passaram, e muitas vezes relloriram as amendoeiras. Isabel Adelaide, Maria Francisca e Catarina são a trindade graciosa que lhes concedeu o ceu. Contas formosas dum rosário de amor. Bênção divina de uma afeição purissima.

Mas odios e ambições, como onda tormentosa, perturbam e invadem os corações dos homens... liberais e miguelistas — a guerra fratricida!... Por ordem de D. Manuel Raimundo Côrte-Real, capitão-mór de Silves, vem prender este marido e pai venturoso que a despeito das alegrias do seu lar, se deixára seduzir pela politica.

Procuraram-não alguns dos homens da famosa guerrilha, cujo chefe, o Remexido, era um extranho mixto de generosidade e fereza. D. Joaquim Tomaz não está; e é a esposa quem, altivamente, recebe e repele os emissários. A pergunta que lhe fazem acêrca do seu paradeiro, responde aggressiva:

— Não sei; e que soubesse?! Não o diria nunca!

— Pois então vais morrer! — gritam-lhe, raivosos, os homens a quem alucina vertigem sangrenta...

Vendam-lhe os olhos, e empurram-na com fúria, insensíveis ao choro das meninas.

Depois do ódio a cubica... É a guerra!... E começam o saque. É então que Catarina — a mais novita das três — se senta num pequeno baú com embutidos e lhes diz imperiosa:

— Não; êste não levam; porque a minha mamã sempre me disse que êste baú e os lenços da Índia que tem dentro eram para mim, quando fôsse crescida.

E, perante a intimativa inocente da criança, recuam interditos os bandoeiros...

Já na praça, trémula, aniquilada, D. Maria do Carmo vai morrer!... Estala-lhe o peito a dôr cruciante, evocando o marido e as filhinhas. Um segundo apenas, talvez, antes que pare para sempre o coração que tanto soube amar... Mas uma voz soa violenta de mistura com o estrupido do galope impetuoso dum cavallo: — Parem! — diz —

E rôto, hirsuto, enlameado, o recém-chegado estaca e apeia-se. É o chefe — o Remexido.

— Tirem-lhe a venda! — grita de novo. E, ao ver a face pallida e formosa, tem uma visagem de indignado espanto.

— Miseráveis! — brada furioso. Quem lhes deu o atrevimento de tratar assim a minha madre?...

E dirigindo-se humilde á pobre senhora quasi desfalecida, beija-lhe a mão, e brandamente implora que perdoe. Ele proprio a leva pelo seu braço, num cuidado teno, para junto das filhinhas. É que fôra ella a madrinha dum filho seu, e, além de madrinha, a protectora carinhosa da familia do guerrilheiro. Assim se salvou D. Maria do Carmo. Diz-se que nunca um grande amor consegue felicidade duradoura sobre a terra; a êste amor firme e corajoso o mesmo aconheceu. Poucos anos mais tarde se finou a pobre enamorada, ainda jovem e formosa, vítima do tremendo abalo que sofrera e que para sempre lhe arruinou o coração.

É — extranho capricho do destino ou designios seus, cujo alcance foge a nossa curta percepção de humanos! — tempos mais tarde, Izabel Adelaide, uma das filhas de D. Joaquim Tomaz, unia-se, num casamento de ardente paixão, com um filho daquele capitão-mór de Silves, de quem dimanára a ordem que, inconsistentemente, abreviára a existência da misteriosa apaixonada de outrora.

É a filha mais velha deste outro casal, a neta querida de D. Joaquim Tomaz — quem me conta a história destes amores infelizes...

Ergue-se; e a sua mão aristocrática de marfim antigo, aflora a redoma, numa caricia breve.

— Foi numa noite de baile — um lindo baile, com «toilettes» preciosas — que o avô me deu êste leque, dizendo:

— Guarda-o bem porque, dou-t'o, faço-te maior presente do que se te entregasse a minha fortuna.

É que elle lhe recordava a noite em que, vestida de gaze e tocada de flores, a bem amada, fugira nos seus braços e ambos tinham ido, embalados pelas ondas, impellidos pelo vento, em demanda da terra perfumada, cantando a linda canção do sonho...

Ninguém pensou nunca em saber ao



certo a que familia pertencera a jovem fugitiva. Frei Maldonado morreu em breve, e D. Joaquim guardou sempre, a êsse respeito, um inexplicável mutismo.

D. Maria do Carmo ficará pois sendo, para sempre, uma poetica e lendária figura.

Mas, quando da morte do conde de Barbacena, afirma-se que êste titular deixára a sua imensa fortuna ás suas duas sobrinhas: Olinda, que com elle sempre vivera, e Maria do Carmo, muitos anos antes, misteriosamente desaparecidas.

«Amor, engano que na campa finda» — como disse o poeta que morreu na flôr da idade, sem nunca ter amado, segunda é fama... Talvez por isso mesmo soubesse traduzir melhor êsse «fogo que arde sem se ver».

Aquelles que amaram e sofreram, se não tiveram a felicidade de descer com o seu «doce engano» á sepultura, quantas desilusões os esperam!

Como a vida é mesquinha e cheia de parâdosos!

Há tantos centos de anos que milhares de poetas, gastando milhões de páginas, não conseguiram completar ainda a epopeia do amor que, no fim de contas, pode caber no espaço exíguo das varetas dum leque...

O Passeio Público

ESTHER CÔRTE-REAL.





A fonte de Neptuno em Dantzig, ostentando as armas polacas

A CIDADE LIVRE DE DANTZIG

foi sempre eslava e não alemã

DANTZIG, afinal, não é de origem alemã. Se outras provas não existissem, bastaria uma carta do plano da Cidade Livre, publicada em princípios do século XVIII na Alemanha. É rodeada por uma legenda em alemão, falando de Dantzig como sendo a cidade principal da Prússia real polaca. Repare-se ainda que o nome da Prússia, nesta época, tinha uma significação eslava e não alemã.

Diz a legenda :

«Esta rica cidade, que ainda há pouco era uma cidade livre do Reich, está colocada sob a protecção da Polónia, e desfruta, sob a sua autoridade, toda a liberdade desejada. Depois da primeira divisão da Polónia, em 1712, a Prússia de Frederico II apoderou-se do «corredor»

actual, mas sem Dantzig. Dando-es a segunda divisão em 1795, a população dantzigota opôs-se, com armas na mão, à entrada dos prussianos, que foram expulsos em 1807 pelos franceses, voltando quando se deu a queda da Napoleão».

Entrando mais profundamente na História, verifica-se que, no ano 1000 esta cidade era eslava e assim se conservou até fins do século XIII. Tenha-se também em conta que até o século XII eram ainda os bárbaros eslavos e os finlandeses — os *Pruszi* — os únicos habitantes do território chamado hoje Prússia oriental.

Em 1508 os cavaleiros teutónicos tomaram Dantzig, massacrando, nesta ocasião, mais de dez mil dantzigotas.

Em 1520 e em 1539, o rei polaco Ladislau, o Breve, levou o conflito junto do Pontífice, que se pronunciou a favor da tese polaca. No entanto, os piedosos guerreiros teutónicos não se resolveram dar a menor importância à decisão do chefe dessa mesma Igreja em nome da qual eles erguiam o gládio.

Algum tempo mais tarde encontraram o meio de levar o Papa a mudar de opinião.

Quando os polacos, os checos e os lituanos, coligados, esmagaram os teutónicos em 1409, entre Grunwald e Tannenberg, os conselheiros municipais de Dantzig, com o seu burgumestre à frente, apresentaram-se ao soberano polaco,

afim de lhe render homenagem. Não foi só desta vez que os dantzigotas fizeram esforços para se libertar dos seus tiranos alemães. Várias vezes o mostraram eloquentemente. Em 1454, os cidadãos de Dantzig, torturados pela tirania e rapacidade dos teutões, imitaram o gesto de outras cidades e senhorios da Prússia, voltando as costas ao germanismo e colocando-se espontaneamente sob a suserania de Casimiro IV, rei da Polónia. Dantzig teve artes, no entanto, de manter uma autonomia, embora restricta, e conservar o seu lugar na liga hanseática. Fêz o possível por se conduzir numa política muito particularista, esforçando-se, tanto quanto possível, para se fazer esquecer, numa cómoda situação de neutralidade.

Em 1466, quando do tratado de Thorn, o grão-mestre teutónico curvou-se ante o rei da Polónia. Em 1525, o último grão-mestre Alberto de Hohenzollern-Brandeburgo, atraído indignamente os seus, fêz-se proclamar duque da Prússia, a título hereditário, sob a suserania da Polónia. Foi com a criação deste ducado, destinado a tornar-se o reino da Prússia, que surgiu a Europa moderna.

Só depois de 1878 é que Dantzig se tornou a capital da Prússia ocidental e um dos centros mais importantes do militarismo prussiano...

Um facto que se tornou notório em todo o Mundo foi a demolição de todos os vestígios polacos em Dantzig após a ocupação pelas tropas germânicas.

E foi pena porque alguns representavam autênticas obras de arte consagradas por muitos séculos.

O que o tempo não destruiu foi agora destruído pelas ambições humanas...



Dantzig — cidade principal da Prússia real — polaca, segundo uma carta alemã publicada nos princípios do século XVIII

VIDA ELEGANTE

Festa de Caridade

JANTAR À AMERICANA

Effectuou-se na noite de quarta-feira 15 do passado mês de Setembro, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma festa de caridade, a favor do fundo de assistência social do 10.º Batalhão da Legião Portuguesa, com sede em Cascais, constando de «jantar à americana» seguido de baile, abrihantado pela exímia orquestra Almeida Cruz, privativa do Casino Estoril.

Nessa noite o salão do restaurante, oferecia um aspecto verdadeira encantado, vendo-se as mesas artisticamente ornamentadas com flores e bandeiras Nacional e da Legião.

Em redor das pequenas mesas notavam-se entre outras as seguintes senhoras:

Senhora de D. Nicolau Franco, marquesa de Faial, condessa da Póvoa, condessa de Carnide, condessa de Castro Marim, condessa de Castro, condessa das Alcaçovas D. Maria, condessa de Penalva d'Alva, condessa de Mozer, viscondessa de Tramegal, viscondessa da Corte, viscondessa de Almeida Garrett, viscondessa de Taveira, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria Ana de Matos Fernandes Franco de Sousa e filha, D. Alice de Sousa e Melo, senhora de Vianna do Alentejo, D. Izabel Ortigão Burxay de Almeida Belo, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Eliza da Câmara Leme de Serpa Pimentel e filha, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Caben Espírito Santo Silva, D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Ana da Câmara Ribeiro Ferreira, D. Carmen Moraes de los Rios de Castro e filha, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Catarina Cordeiro, D. Maria Pinheiro Malheiro Reimão e filha, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Maria Adelaide Castro Pereira Balsemão, D. Maria Perez Quezada de Lencastre Freitas, D. Maria Eugénia Corréa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, senhora de Vieira da Fonseca, D. Maria Carlota Sommer Pereira Salgado, D. Alice de Lacerda Ribeiro da Cunha, senhora de Lucena, D. Noémia Monteiro Corte Real, D. Fernanda de Sêbes, D. Maria Amélia de Castro, D. Maria de Nazaré Górgio Henriques de Lencastre Freitas, D. Maria Tereza Burnay de Lencastre, senhora de Magalhães e Menezes Vilar, D. Maria Cândida de Magalhães Corrêa da Silva, D. Izabel Maria Roque de Pinho Pinto Basto, senhora do dr. João de Ornelas, D. Maria Tereza Valejo Marques Soares Mendes, D. Clara de Castro e Sola Soares Mendes, D. Vana da Fonseca, D. Maria da Conceição de Melo Breyner Cabral, D. Helena de Maria Ressoana Garcia, D. Emília Pancada Prado e irmã, D. Maria Tereza Pressler Gomes Lino, D. Maria Carolina Gomes Palma, D. Maria Izabel Nunes de Almeida, D. Helena Abecassis, D. Maria Eugénia Reynaldo de Sousa Torres da Silva Tarouca, D. Maria Pinheiro de Melo de Arruela, D. Maria Luiza de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Casamentos

Celebrou-se na capela particular do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria, com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Maria Teresa Carneiro Bordalo Pinheiro, gentilíssima filha da sr.ª D. Elisa Carneiro Bordalo Pinheiro e do sr. Pedro Bordalo Pinheiro, membro do conselho de administração da «Renascença Gráfica», proprietária do nosso colega «Diário de Lisboa», com o sr. Dr. Guilherme Pavão Pereira da Rosa membro do conselho de administração da «Sociedade Nacional de Tipografia», filho mais velho da sr.ª D. Angelica Pavão Pereira da Rosa e do sr. João Pereira da Rosa, ilustre director do nosso colega «O Século», tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Presidiu ao acto Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. O senhor Cardeal Patriarca foi acolitado durante a cerimónia pelo Monsenhor Dr. Pereira dos Reis, reitor do Seminário dos Olivais e pelo seu secretário particular reverendo José da Piedade Garcias. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Almeida Brandão, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, partiram para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, celebrou-se presidido pelo

prior da freguesia reverendo Dr. Santos Canastreiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Odeete Ribeiro de Lá Cruz Quezada, interessante filha da sr.ª D. Fernanda Ribeiro e do sr. Luiz da Lá Cruz Quezada, com o distinto médico-cirurgião sr. Dr. Rui Van-Zeller, filho da sr.ª D. Maria Clara de Saldanha da Gama Van-Zeller e do coronel de cavalaria sr. Alexandre Van-Zeller.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo sr.ª D. Maria Luiza de Saldanha da Gama Alcobia e padrinhos os sr.ª Dr. José Pimenta, tio materno da noiva e Fernando Van-Zeller, primo do noivo, fazendo-se este último representar pelo também primo do noivo sr. Visconde de Santarém.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos que receberam grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram em digressão pelo país, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo José Barroso, amigo íntimo da família da noiva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria dos Anjos Barata Galvão, gentil filha da sr.ª D. Amália Barata Galvão e do coronel de engenharia sr. João Alexandre Lopes Galvão, com o sr. Dr. José da Costa Prouença, filho da sr.ª D. Brígida da Costa Prouença e do distinto clínico sr. Dr. José Balleiras Prouença; já falecido.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Maria José Silva Monteiro, que se fez representar por procuração e a mãe do noivo e de padrinhos os sr.ª Comendador Pereira Penteiro e Luiz da Costa Prouença, irmão do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Ajustou-se oficialmente no Pôrto, o casamento da sr.ª D. Maria Pereira Lopes Moreira, com o sr. Herculan de Figueiredo, sendo o pedido feito pelo sr. Jacinto Rodrigues Pereira Cardoso. A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Izabel de Lima Rosa Corte Real, interessante filha da sr.ª D. Maria de Aires de Lima Rosa Corte Real e do sr. António Homem da Cunha Corte Real, com o sr. José Galhardo Ferreira, distinto tenente de engenharia, filho da sr.ª D. Carolina de Lima Galhardo Ferreira, e do sr. António Ferreira.

Foram madrinhas as sras. D. Maria da Conceição Corte Real Mancelas e D. Maria da Conceição Galhardo Ferreira e de padrinhos os srs. António Coelho de Sampaio e o tenente da armada Tomaz Centeno. Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, partiram para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Em Meação Frio na Quinta das Fontainhas, foi pedida em casamento pelo sr. dr. Nogueira da Costa, distinto notário em Baião, para seu filho Amadeu, distinto assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra e médico interno do Hospital da Universidade, a sr.ª D. Maria de Lourdes Guedes de Sequeira, gentil filha da sr.ª D. Irene Guedes de Sequeira e do sr. João Rodrigues Sequeira, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Esmeralda Ramos Costa, interessante filha da sr.ª D. Virgínia da Conceição Ramos Costa e do sr. João Anacleto Jorge da Costa, já falecido, com o sr. José dos



A sr.ª D. Maria Tereza Carneiro Bordalo Pinheiro e o sr. dr. Guilherme Pavão Pereira da Rosa, por ocasião do seu casamento, celebrado na capela particular do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria

(Foto Horácio Novais).

Santos Esteves, filho da sr.ª D. Maria Marques Esteves e do sr. António dos Santos Esteves, tendo servido de madrinhas as sras. D. Sara Ramos da Costa Gonçalves e D. Alda Cardoso Ramos da Costa e de padrinhos os srs. Fernando Maria Ramos da Costa e Arnaldo José Gonçalves. Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo dr. Santos Canastreiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do irmão da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos que receberam grande número de artísticas prendas, seguiram para S. Martinho do Pôrto, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho Artur, funcionário do Banco Inglês, foi pedida em casamento, pelo sr. Agostinho Lourenço, inspector da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, a sr.ª dr.ª D. Zélia Gaspar Marques, filha da sr.ª D. Emília Gaspar Marques e do sr. António Marques, já falecido. A cerimónia deve realizar-se brevemente.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, no Pôrto, a sr.ª D. Francisca Rosa de Antas Bacelar e Barbosa Pessoa Marques, esposa do sr. Avelino Pessoa Ferreira Marques. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Carlota Alice Grilo de Lima Botelho e Oliveira Leite, esposa do sr. Manuel Eleutério de Valadares Botelho e Oliveira Leite (Mourigo), teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Ilda Garcez Maggioli Novais, esposa do reporter fotográfico sr. Horácio Novais. Mãe e filho encontram-se de perfeita saúde.

Baptizados

Celebrou-se na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, o baptizado da menina Maria Sofia, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Helena Patricio Lino Neto e do sr. Dr. Joaquim Maria de Mendonça Lino Neto, servindo de madrinha sua avó materna a sr.ª D. Maria Perpétua Vidal Patricio e de padrinho seu avó paterno o ilustre professor sr. Dr. António Lino Neto.

D. NUNO.

Se fôsse possível fabricar-se o ouro ficaria na miséria

Inquirição que nem as citas se lhe aproveitariam.

Os alquimistas da Idade Média eram vítimas das mais rigorosas perseguições — e daí o seu recelo em divulgar os seus trabalhos por mais fama que estes lhes rendessem.

A Alquimia estava intimamente ligada com a Astrologia, não só pela sua linguagem, como pelas suas teorias. Dali a perpetua fonte de confusão para os crentes modernos.

Designavam-se os corpos celestes pelos seus metais correspondentes. Os escritos de Nostradamus constituem um bom exemplo d'êste facto. Era também comum designar os elementos da matéria pelo nome dos planetas, e de tal maneira, que, nos olhos da ciência actual, torna-se necessário usar do maior cuidado para interpretar qual a verdadeira significação, ainda que não seja a causa mais vulgar do erro.

A Alquimia tinha um triplo fim expresso numa só forma: *facere oro*. Mas por *oro* entendiam-se três coisas: 1.º o ouro metálico; 2.º — o ouro fisiológico, isto é, a sede e a longa vida; 3.º — o ouro moral ou metafísico que poderia traduzir-se pela sabedoria que conduz à imortalidade.

Se nos familiarizarmos a ver nos alquimistas

Um velho astrólogo de Nostradamus



Um velho astrólogo de Nostradamus
 «Dun vovras toy de ma bouche
 Et par l'aveugle de la voie
 Si mon prodige te touche
 Réveille-toi, car il est d'importance»

tas apenas os homens que procuravam fabricar ouro-metálico, condemnámo-nos, de atenção, a uma meditação dos grandes problemas que devessem vir até nós, porque étes tanto nos falamos duma coisa como d'outra, como de três coisas ao mesmo tempo.

Pode parecer êste um estranho milagre... Talvez... Mas, se repararmos bem, verificaremos que determinadas chaves permitiam aos iniciados guiarem-se através desta estranha confusão, e como estas chaves se perdessem, é essa a razão de tais escritos se tornarem, aos nossos olhos, extremamente difíceis de ser reconhecidos.

Nos livros de alquimia trata-se de tudo, até de política...

Se compararmos as teorias basilares que servem de fio condutor aos alquimistas nas suas especulações e nas suas investigações, saltar-nos-á a vista que elas estavam em flagrante contradicção com as hipóteses científicas mais em evidência nos fins do século xix.

As hipóteses recentes, pelo contrário, aproximam-se cada vez mais.

Assim, os alquimistas acreditavam na unidade fundamental da matéria, e diz-se o mesmo com os químicos e os físicos contemporâneos; e pois não são todos os átomos compostos de electrões, de prótons e de neutrões, nos quais apenas varia a disposição?

Os antigos mestres iam mais longe: não faziam distincção entre o animado e o inanimado. Para eles tudo era vivo; todo o ouro era um ser vivo que nasciam, evoluíam e morriam.

Em resumo, os alquimistas eram transformistas antes de Darwin, mas nunca escola muito mais ampla, visto que aplicavam o transformismo a todo o Universo.

Não se poderá dizer, portanto, que êes pretendiam fabricar ouro, quando apenas delinqüiamos obter o melo por

Cadaveres de Médicos na histologia de Nostradamus



Um sábio inventando o seu alquímico estêgilo

que o ouro é formado na Natureza com o auxílio de outros elementos.

O instrumento fundamental dos laboratórios da alquimia era o *alambic* que não era um cadinho, mas uma espécie de ovo. A mistura que nele se introduzia era o *mercurio*. Justava-se-lhe um fermento: o pó de protecção a que os nossos químicos modernos chamariam um catalizador, e os nossos fisiologistas uma hormona.

E, já que nos referimos ao catalizador, cujo papel só tão recentemente foi descoberto, devemos salientar que os seus fenómenos eram já conhecidos pelos antigos árabes.

Aquele-se então, pouco e pouco e durante muito tempo, o *alambic* ou a temperatura constante para que o embudo metálico se desenvolvesse tal como o embudo dum pinto se desenvolve pelo calor da galinha-mãe.

Pode perguntar-se: «Mas após tantos trabalhos não consta que êles l'essenci chegaram a fazer o ouro?»

Um illustre químico, aquém foi feita esta objecção, limitou-se a sorrir, e respondeu com simplicidade:

— Quem sabe?

Chegou a afirmar-se que Charles de Róis, o *Barão Róis*, tinha descoberto o segredo.

Repure-se, no entanto, que êste segredo só poderia ser maior sob a condição de nunca ser divulgado.

Calcula-se que succederia se um dos nossos químicos sãsses da seu laboratório, gritando:

— Achei a chave do segredo... Já sei como se fabrica o ouro! E todos podem fazer o mesmo, pois só sei por não l'oustei cada grama!

— Que succederia se isto se desse?

Não só o sábio ficaria arruinado, mas toda a Humanidade.

Os tesouros guardados por grandes banqueiros e que regulam a economia mundial, passariam a valer menos que um monte de pedras. Assitiriamos então a mais espantosa catástrofe social de que jamais o mundo foi testemunha.

Pode, nois, admitir-se que tenham existido alquimistas que conseguissem realizar o seu sonho, isto é, a fabricação do ouro, partindo de elementos baratos. Mas, se assim succedesse, nada nos desajouramos escrito sobre esse assunto. E daí — quem sabe? — talvez seja a origem de algumas dessas fortunas fabulosas que tanto intrigaram os povos antigos e dos tempos modernos, atraíndo muitas vezes aos seus possuidores, não só a inveja, mas até as mais rudes perseguições.

Portanto, mesmo que fôsse possível descobrir a tal pedra filosofal, êsse ferível segredo deveria ser guardado, a bem de todos, no fundo do mais impenetrável esconchito. Isto mesmo, assim deve ser enquanto o ouro continuar a ser representado directamente por notas de banco, instrumento universal de troca de valores entre os homens de todos os países.

Mas continuaremos ainda com êsse processo durante muito tempo?

Sabe-se lá?

Diz o Evangelho, e outros livros sagrados que «um dia virá em que o sol e a lua não darão mais luz».

Tratando estas profecias como é sol e a maior parte dos aforismos alquimísticos, isto quer dizer muito simplesmente que o ouro e a prata perderão todo o seu valor.

Já qual que succede isto com o dinheiro comum nos países onde se deprecia cada vez mais forte a luta pela fabrica do ouro, o prestigio mental que desde os tempos mais remotos reinou depositadamente sobre as nossas civilizações, vê, de facto, nos nossos dias a sua soberania cancelada...

EXISTE um dogma científico que ninguém ousou ainda pôr em dúvida: é a divisão dos elementos da matéria em corpos simples e compostos. Esta divisão era também adoptada por antigos alquimistas que pretendiam transmutar os metais mais grosseiros em ouro, piasse cobrado ouro que tantas calamidades tem desencadeado sobre o Mundo.

Hoje, que os modernos laboratórios fazem a feita transmissão do rádio — um corpo simples — em chumbo, porque havemos de considerar lousas visões dos alquimistas de ontem que ao atrazo da sua época lançavam a sua castilhana legendado?

Devemos ter em consideração que os pioneiros da ciência contemporânea, fazendo explodir os átomos sob o bombardeamento dos electrões, procuram, ainda que por caminhos diferentes, a conquista do mesmo froto que os seus desdenhados precursores — os alquimistas — tanto amaram obter.

A excepção de alguns sábios que têm sido alvejados em os mais rudes ataques, ninguém parece sentir a necessidade de investigar o trabalho dos perseguidores de ouro da Idade Média, visto ser natural que dessas investigações surgisse alguma coisa de útil. Assim, a obra dos alquimistas da Idade Média, parece-nos tenebrosa, porque é desconhecemos por completo.

Os sábios químicos de hoje parecem esquecer que as ciências químicas do nosso tempo, e de que tanto nos orgulhamos, nasceram nos alambiques desses antigos alquimistas. Verifica-se, no fim de contas e à luz da mais fria realidade, que os de hoje não têm a mais leve noção de que as suas hipóteses aparentemente audaciosas pela sua novidade são apenas uma pálida reacção das mesmas hipóteses formuladas outrora pelos velhos alquimistas de outras eras.

Por mais que lhes custe terão de reconhecer a verdade imutável pronun-

ciada pelo Ecclesiastes: «Nada existe de novo debaixo do sol».

Quando um dos sábios modernos ousou falar nos extenuantes esforços dos perseverantes pesquisadores de ouro da Idade Média, sorri desdenhosamente e converteu-se cada vez mais da sua infabilidade apoiada no avanço prodigioso da ciência dos nossos tempos.

Nem sequer lhes passa pela mente que daqui a muitos séculos, os sábios de então, analisando a sua obra, hão de sorrir também desdenhosamente, e considerá-lo ainda mais ridículos que os seus esqualidos nigramantes da Idade Média.

Todos aqueles que pretendem profundar os trabalhos dos antigos alquimistas, embarraram com as mais sérias dificuldades por falta de elementos. Os velhos alquimistas usavam duma escrita secreta que só muito dificilmente pode ser interpretada nos nossos tempos.

Parece que, previsto a pouca consideração dos seus colegas dos séculos que haviam de chegar, nada fizeram que pudesse facilitá-lhes a tarefa do esboçar dos segredos.

Devemos ter em conta que o que estabelecera maior diferença entre a Civilização Moderna e a Civilização da Idade Média e a da Antiguidade, não são as actuais descobertas, mas o facto que essas descobertas científicas provocam na vida social da nossa época.

Nota-se então que, enquanto nós progredimos o avanço das ciências, os antigos procuravam guardar o segredo das mesmas ciências.

Se há mil anos apparecesse um homem a soar um seraphano ou dirigel, seria imediatamente morto em atroc supplicio como tendo pacto com o Diabo.

Hája Vista o que succedeu no nosso Parlamento de Guiana — o invento da famosa «Passarola» que foi a precursora dos aviões. Se não fossem altas influências que conseguiram arrancá-lo do cárcere, teria ido parar às fogueiras da

— Então o meu amigo — pergunta amavelmente o padre da cadeia — porque se encontra aqui?

— Por um erro de crença, meu padre...

O bom do padre, radiante, viu logo ali uma alma pronta a deixar-se levar para o trilho da virtude. Sentou-se ao pé do prisioneiro e carinhosamente inquiriu:

— Compreendeu então que seguia uma falsa crença?... Isso é muito, muito louvável, meu amigo, e eu...

— Sim meu padre... Eu estava absolutamente convencido de que não havia polícia, ali pelos arredores...

— Acabo de me casar, para gosar enfim uma vida mais tranqüila...

— Tem graça. Pelo mesmíssimo motivo, acabo eu de me divorciar...

— Um viajante notou, em certo restaurante, que a sôpa lhe era servida por criadas de cabelos lourós e o café por pequenas de cabelos pretos.

— ¿Questão de estética? — perguntou.

— Não — respondeu-lhe o chefe da mesa. — É porque os cabelos lourós não se notam na sôpa, nem os pretos se distinguem no café...

— Leio, no seu anúncio, que o senhor cria animais para laboratórios. Pode vender-me uma centena de ratos e outra de ratazanas?

— Sim, senhor. É para experiências microbianas?

— Não. É porque mudo de casa e, segundo o meu arrendamento, devo deixar tudo como exactamente encontrei.

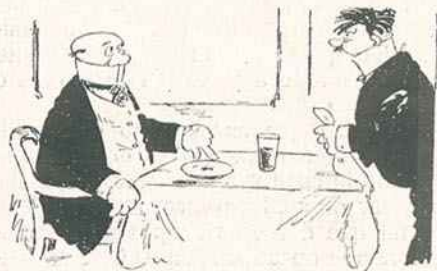
— Digam o que disserem — proclama Calino, casado com uma linda mulher, ao seu amigo Tibúrcio —, mas ainda há países, neste mundo, onde o comércio é prospero e a vida cheia de facilidades.

— Quais, por exemplo?

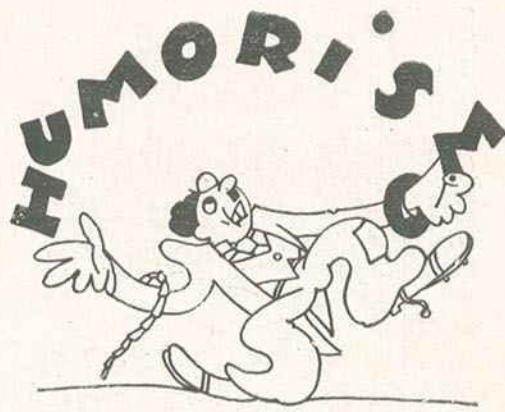
— A Itália. Af os negócios correm tão bem que qualquer visitante é convidado para almoçar, para jantar, para ir às corridas, ao teatro, aos bailes e a toda a parte sem necessidade de gastar dinheiro.

— ¿E como sabes tu isso, se nunca estiveste na Itália?

— Não estive eu mas estive minha mulher, que regressou de lá a semana passada, e me contou tudo isso...



O freguez — Rapaz!... Isto é o prato sujo ou é o bife que eu pedi?!



A mãe mostra ao Toneco a irmãzinha, que tem apenas dois meses, e pergunta:

— É linda, não é Toneco? Gostas muito da tua irmãzinha, não gostas? Não querias que a vendêssemos, pois não?

— Oh, não, agora não! Espera-se que seja maior, porque se vende mais caro!...

Nos últimos tempos, a Zézinha ouviu dizer, repetidas vezes, que a sua mamã estava «prestes a ser mãe». Por isso, quando o acontecimento estava próximo e a mandaram passar uma semana em casa duns tios, o que a obrigaria a faltar à escola, empregou estas palavras para prevenir a professora:

— Minha senhora, eu não venho à escola, para a semana, porque estou «prestes a ser mãe»...

Um professor belga deu-se à paciência de recolher algumas respostas de alunos, registadas nas escolas do seu país.

Eis aqui um pano de amostra da colleção:

— No corpo humano, ¿qual é o principal órgão de circulação? — As pernas.

— Indique-me um corpo sólido. — O homem.

¿E um corpo líquido? — A mulher.

— ¿Quais são as precauções a tomar antes do banho? Despir a roupa.

— ¿O que é a respiração? É o acto pelo qual o ar entra nos pulmões atravessa o estômago e sai pelos intestinos.

Lili entrou agora para a escola. Uma tarde, chega a casa radiante.

— Mamã, o professor de canto apareceu hoje e fez uma escolha. A mim, escolheu-me para o grupo dos que «sabem» cantar desafinado.

Júlio — Oh, diabo! Esqueci-me da chave da porta.

Edmundo — A tua mulher não ta abre, com certeza.

Júlio — Tenho uma ideia. Vou raspar à porta e a minha mulher julga que é o cão e abre.

Num teatro da província, representava-se um drama de que é autor um escriba da terra. No decurso de uma cena patética, o galã exclama.

— Tome cuidado, senhor conde! O senhor já fez com que meu pai e minha mãe morressem de miséria. Matou o meu irmão em duelo. Raptou a minha irmã. Mas tome cuidado, repito-lho: a paciência tem limites!

— Sabes, Bébé, a D. Felisbela foi a uma loja e comprou um lindo rapazinho.

— Ah, sim!... Quando tiver copiado o modelo, torna a mandá-lo para a loja e diz que não lhe agrada.

— Como pecou Adão? — pergunta o abade a um aluno, na aula de catecismo.

— Comendo a maçã, que era o fruto proibido.

— E qual foi o castigo aplicado por Deus?

— Obrigou-o a casar com Eva.

Estavam muito apaixonados um pelo outro. Conversavam, á noite, sentados, no terraço, de onde se via um enorme espaço de céu constelado de astros.

— Porque estarão as estrelas tão palidas, esta noite? — disse ela, meigamente, encostando-lhe a cabeça ao ombro.

— Porque os teus olhos são muito mais brilhantes — segredou-lhe ele com ternura, apertando-lhe a mão.

Como acima dissémos, estavam apaixonados, e iam casar em breve.

— Quantos postes telegraficos seriam precisos para chegar daqui até ás estrelas, sempre gostava de saber? — murmurou ela, cismaticamente.

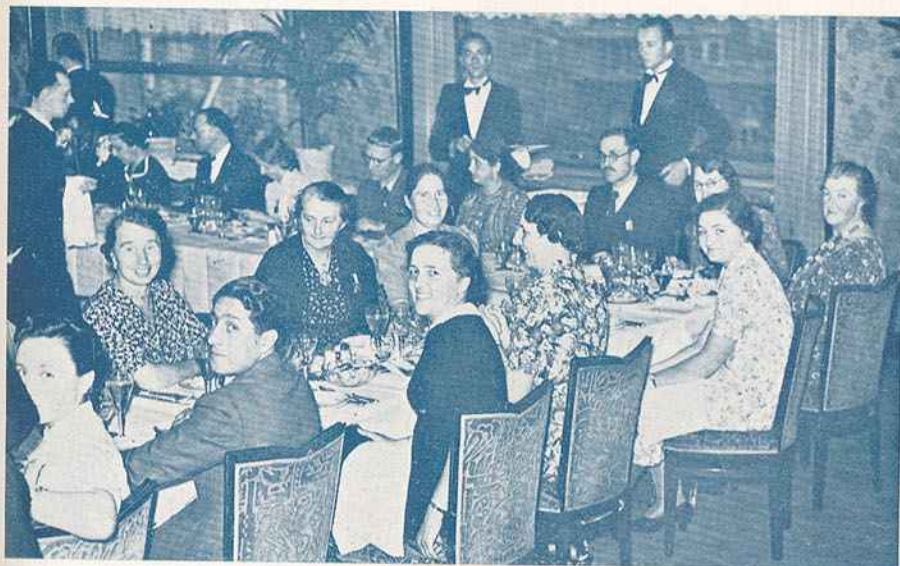
— Bastava um, se fosse bastante comprido! — resmungou ele. — Para que farás tu perguntas idiotas?

Passou-se isto depois de estarem casados.



O chauffeur — Para onde deseja ir?
O bebado — Que tem você com isso?

FIGURAS E FACTOS



Aspecto do banquete comemorativo da «IV Semana de Arte» realizado em Bruxelas e em que se reuniram professores de desenho, artistas e directores de museus de vinte países diferentes. Na mesa de honra tomaram parte os congressistas Carpat e Montfort (Bélgica); Wittgens (Itália); Nothumb (Luxemburgo); Schmidt (Suíça); Visser (Holanda); Richardson (Inglaterra) e Faria de Castro (Portugal).



A filha da estrela do cinema Annabella que sua mãe foi buscar a França e passou em Lisboa com rumo a Hollywood



O dr. Manuel Anselmo, escritor de raras qualidades, que tantas vezes tem honrado as páginas da «Ilustração», acaba de publicar mais um livro: *A Poesia de Jorge de Lima*. Traçando um esplêndido ensaio de interpretação crítica, o autor qualifica a obra desse grande poeta brasileiro que «honra não só a sua Pátria como também a Língua Portuguesa»



A Floresta dos Castigos é um livro de contos infantis que a nossa ilustre colaboradora D. Odette Passos de Saint-Maurice publicou para delícia da pequenada. Estamos convencidos de que até os adultos o apreciarão, tão sugestivas são as suas páginas. E, já agora, salientaremos que o género de literatura infantil é um dos mais difíceis de realizar



O sr. Conde de Aurora reeditou o seu apreciado *Roteiro da Ribeira Lima*, que aparece agora muito aumentado. Espera-se certamente um novo êxito, não só pela utilidade da obra, como pela erudição que encerra exposta minuciosamente pelo seu autor, como, de resto, tem sido o seu lema em tantas obras de mérito já publicadas



A entrega de um ramo de cravos por três gentis meninas ao sr. Júlio Cueto, redactor do diário madrilenho «Informaciones», director da corrida Madrid-Lisboa



O tenente Afonso do Paço, depois de várias obras de alto merecimento em que o talento se alia à investigação paciente e profunda, publicou *As comunicações militares de relação em Portugal*, primoroso trabalho técnico em que o escritor está à altura do perito em tais assuntos



Mariano Coêlho, vencedor da corrida Madrid-Lisboa, entre os portugueses Nélson e Lourenço, vencedores de étiops

Ainda não é tarde para comentar os resultados da corrida ciclista Madrid-Lisboa, o mais importante acontecimento desportivo do final da temporada de estio, antes da convergência das atenções públicas para as primeiras atividades de sua senhoria o futebol.

Disputada entre portugueses e espanhóis logo a seguir à Volta a Portugal, onde a superioridade dos nossos compatriotas fôra manifesta, esperava o público que ela trouxesse a confirmação desse valor, apesar da maior força do bloco adversário.

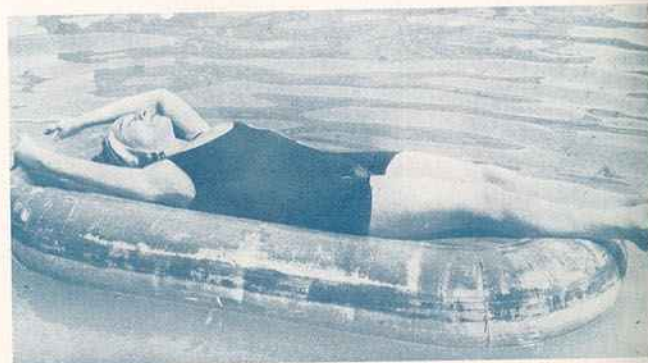
A vitória de Ildefonso Rodrigues na primeira caminhada, corrida em pelotão ao molde dos hábitos actuais dos portugueses, foi acolhida com entusiasmo e interesse que, no dia seguinte, se transformaram em amarga desilusão perante a derrocada da classificação dos ciclistas lusitanos em consequência dos ataques incisivos e repetidos dos competidores estrangeiros.

Foi neste trôco de estrada, entre Talavera e Cáceres, que se decidiu afinal o resultado da prova para os nossos compatriotas, pois nas restantes etapas voltou o regime de caravana com o qual eles se entendem às maravilhas, mesmo nos casos de andamento duro.

Da leitura dos comentários publicados por todos os críticos que a acompanharam a corrida e ainda da opinião unânime daqueles que podemos ouvir, depreende-se a confirmação segura daquilo que acerca dos ciclistas nacionais escrevemos a propósito da sua acção durante a Volta recente: excelentes músculos, mas infeliz-

mente privados da colaboração do cérebro, usando de tática rudimentar e uniforme para todas as circunstâncias, por falta de escola e orientadores competentes.

Verifica-se, na grande maioria dos corredores portugueses, ausência de espírito de iniciativa agravada pela noção errada da melhor forma de coligarem os seus esforços no sentido do aproveitamento comum. Quando se encontram — e foi o que sucedeu no Madrid-Lisboa — num ambiente diverso e cujas directrizes não podem encaminhar dentro das normas usuais, sucumbem sem remissão e muito abaixo do valor próprio.



Terminaram as férias e, com elas, o prazer da vida ao ar livre nas praias, no convívio com o sol e a água do que este exemplo é flagrante imagem

A QUINZENA DESPORTIVA

Citemos um exemplo: partindo de Talavera com um português no primeiro lugar da classificação, foram os portugueses que tomaram desde início a iniciativa do ataque, e fizeram no com tamanho decisão que na primeira hora foram percorridos 41 quilómetros; para, afinal, concluírem o percurso ao desbarato ou desistirem, esgotados de forças e desmoralizados.

A conclusão prática e de possível utilidade futura para o progresso da modalidade, a tirar dos acontecimentos é a vantagem destas competições internacionais, a necessidade de lhes aumentar a frequência, habituando assim os nossos homens à luta em moldes mais agressivos e à intervenção de novos comparsas na comédia familiar que um tanto exageradamente estão repetindo quando entre si. Ao ciclismo português falta na actualidade um elemento de alma combativa como o José Maria Nicolau de há meia dúzia de anos; não descortinamos entre os valores de hoje um atleta completo que alie aos seus dotes físicos de campeão, o brio e a inteligência dum desportista para o qual existe mais qualquer coisa além do interesse profissional.

A época, que terá concluído quando esta crónica fôr lida, mas que esperava ainda a sua última manifestação activa no momento em que foi escrita, e que por tal motivo só no próximo número desta revista poderemos analisar em conjunto, deixa no entanto agradável recordação e a esperança viva de melhores dias pelo restamento do contacto com corredores estrangeiros e pela garantia de continuidade nas saídas dos lusitanos além fronteiras.

★

A reabertura da temporada futebolista, que em Lisboa se celebrou com o encontro dos dois grandes rivais na popularidade e no prestígio de tradições, pôe

em foco novamente a importância do papel desempenhado pelos indivíduos encarregados da preparação dos jogadores, cujo objectivo deve ser qualquer coisa de mais nobre do que o simples aperfeiçoamento de figurantes num espectáculo público e destinado a garantir lucros financeiros.

Se considerarmos em primeiro lugar as conveniências individuais dos praticantes, a preparação desportiva, transformada pelos preceitos complexos da minuciosa técnica moderna numa ciência precisa, não pode ser separada do campo de acção da educação física. Os elementos empregados por uma e outra são semelhantes e, muitas vezes, confundem-se; os exercícios ginnásticos, gerais ou especializados, figuram em todos os programas de actividade da preparação para o desporto.

Esta regra está generalizada no espírito de todos os indivíduos que no País exercem a profissão de treinadores, entre os quais porém, infelizmente, muitos não possuem conhecimentos especializados, porque não frequentaram escola onde lhes ensinassem e é impossível adquirilos por auto-didatismo.

Treinar é uma coisa; preparar educando, que é afinal o que importa, outra bem distinta.

As funções de treinador só podem ser convenientemente desempenhadas por quem não possua faculdades educativas. O treinador que não seja um educador, afirma algures com propriedade Baquet, dirige os seus alunos por intuição e aproveita às vezes com felicidade, por meio de processos empíricos, as suas qualidades naturais; o educador, consagrado também ao treino de especialização desportiva, desempenha contudo essas funções com mira na formação do corpo a par do desenvolvimento das faculdades e do emprego da técnica de base.

A soma de conhecimentos a que obriga um trabalho deste género, pôe desde logo em flagrante evidência a incapacidade daquelas criaturas cujos certificados de aptidão pedagógica se resumem à experiência prática da modalidade que pretendem ensinar.

Um treinador que mereça também a designação indispensável de educador não se improvisa num praticante hábil, experimentado, ao qual o péso do mundo impoz a necessidade de reforma. Tendo por obrigação cuidar do aperfeiçoamento físico — que não dispensa aperfeiçoamento psíquico e moral — dos seus discípulos, só o conseguirá efectivamente se possuir também, a par da ciência tática e técnica do seu desporto, conhecimentos vastos de ciências gerais que se não aprendem pela simples leitura nem se assimilam pela prática.

Talvez seja esta a razão porque, em Portugal, a acção dos treinadores desportivos não consegue manter continuamente nem afirmar eficiência que valha os sacrifícios consentidos em seu favor.

★

A tremenda conflagração que assola a Europa poz fim prematura à actividade internacional do atletismo e autoriza a considerar desde já anulados os jogos Olímpicos cuja organização a Finlândia tão meticulosamente preparava para 1940.

Os resultados verificados na temporada deste ano, reflexo do plano de preparação metódica dos seus melhores futuros representantes pelas grandes nações desportivas, mostraram em algumas delas a extraordinária valorização de homens de classe incomparável, como o alemão Harbig, o finlandês Maki e o americano Jeffrey candidatos seguros à gloriosa coroação olímpica.

Dum modo geral verifica-se uma subida apreciável na categoria do atletismo alemão e finlandês, menos evidente mas também real no sueco e no italiano, que se aproximaram e ultrapassaram nalgumas especialidades os grandes mestres americanos.

Analisemos a lista dos melhores resultados da época, de elucidativo confronto.

Corrida de 100 metros: Jeffrey (E. U.), 10, 2 segundos; Neckermann (Alem.), 10, 5 s.

Corrida de 200 metros: Jeffrey (E. U.), 20, 8 s., na distância de 220 jardas (201^m, 17); Scheuring (Alem.) 21 s.

Corrida de 400 metros: Harbig (Alem.), 45 s., novo record do mundo; Lanzi (It.), 46, 7 s.; Miller (E. U.), 47, 6 s.

Corrida de 800 metros: Harbig (Alem.), 1 m. 46, 6 s., novo record mundial; Mac. Curdy (E. U.), 1 m. 52 s.; cinco corredores europeus fizeram ainda melhor tempo do que este.

Corrida de 1500 metros: Andersson (Suécia), 5 m. 48, 8 s.; não há tempo americano sobre a distância e o melhor resultado na milha (1609 m.) é de Cunningham e equivale aproximadamente a 5 m. 52 s.

Corrida de 5000 metros: Maki (Finl.) 14 m. 8, 8 s., novo record do mundo.

Corrida de 10000 metros: Tuomineu (Finl.), 50 m. 7, 6 s.; nestas distâncias americanos são bantante inferiores.

Barreras, 110 metros: Wolcott (E. U.), 14 s.; Lidman (Suécia) 14, 2 s.

Barreras, 400 metros: Hölling (Alem.), 51, 6 s.; Cochran (E. U.) 52, 1 s.

Saltos em altura: Steers (E. U.) 2^m, 05; Oedmark (Suécia), 1^m, 90.

Salto em comprimento: Brown (E. U.) 7^m, 74; Maffei (It.), 7^m, 58.

Salto à vara: Day (E. U.) 4^m, 58; Osoline (Russia) 4^m, 50.

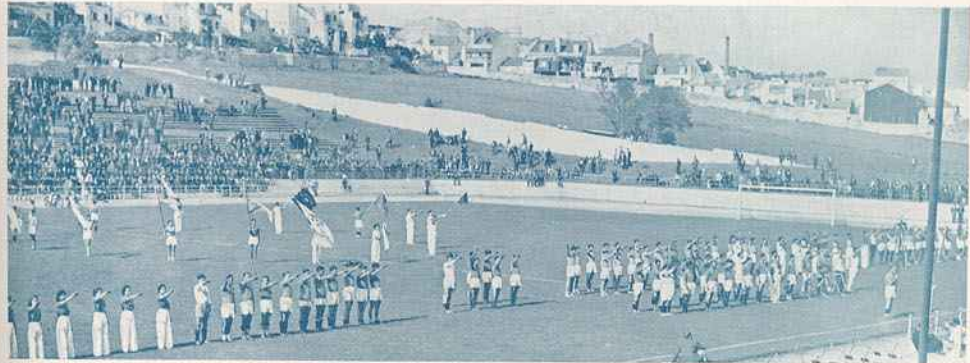
Lançamento do péso: Stoeck (Alem.) 16^m, 49; Watson (E. U.) 16^m, 42.

Lançamento do disco: Lampert (Alem.) 52^m, 26; Fox (E. U.) 51^m, 50.

Lançamento do dardo: Jarvinen (Finl.) 74^m, 88; o melhor americano atingiu apenas 69^m, 20.

Lançamento do martelo: Veirila (Finl.) 58^m, 67; o primeiro resultado americano foi de 52^m, 15.

SALAZAR CARREIRA



O clube de futebol «Os Dilenenses» festeja mais um aniversário apresentando no seu campo, em garbosa parada, a massa imponente dos seus atletas e ginastas

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguíer; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinhã; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 38

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 18)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Alvarinto, Édipo, Fosquinha, Haníbal, Jorubasil, Lérias, Ricardo, Soba da Torre, M.^{me} Lérias, Miss Sporting, Já Mexe, Castela, Dado, Nuninho e Siulno

QUADRO DE MÉRITO

Dr. Sicascar, Ti-Beado, Ramou Lágrimas, Sol de Inverno e Mirna — 17. Dama Negra, Agasio, Doris I, Sevla, Francisco J. Courelas, Visconde X, Tarata, Diriso e Cigano — 14. D. O. X., Aureolinda, Neptuno, J. Tavares, Calaveras e Aristofanes — 10. Oliva, Anjo das Serras e Tiroliro — 8

DECIFRAÇÕES

1 — Girianta. 2 — Estofas. 3 — Pedite. 4 — Aclara. 5 — Bemdito. 6 — Taboada, 7 — Melado. 8 — Roldana. 9 — Simulta. 10 — Gastalhão. 11 — Novela. 12 — Pingarelho. 13 — Mata-fome. 14 — Pre vi)so. 15 — Ri(xo)so. 16 — Vi(s)inho. 17 — Mar(z)co. 18 — Deitar em saco roto.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Vai Rogério caminhando
Pela horta com a filha
E de ora em vez perguntando
Porque é que nunca se humilha. — 5-1-3-6

Ao passarem junto à vinha
Viram perto dum bacelo
Uma carta que não tinha
Nem enderêço nem selo. — 6-2-1-7

E com voz imperiosa
Diz o pai de repelão:
— Isto é cartinha amorosa
Porque não tem direcção — 6-7-5-4

Ela já comprometida
Procura muito à socapa
Uma braça ali partida
E com ela a carta tapa. — 5-1-7-6

Depois, para disfarçar,
Responde em forma indirecta:
— Não me importava apostar
Como a carta é dum pateta.
Leiria Magnate

ADITIVAS
(Charadas antigas)

(Agradecimento e retribuição ao ilustre humorista «Bixo Kuhoto» pedindo-lhe desculpa da irreverência final — troça com troça se paga —).

«Deixe de me ocupar dos velhos para me ocupar das crianças. Sobre tudo dos atardados, dos idiotas, dos cretinos. Estudei a idiotia infantil. — Dr. Voronoff.

Entrevista ao *Diário de Notícias*.

2) Confundido, penhorado
Pela sua gentileza
Respon-lo-lhe envergonhado:
Não me «viu» bem concerteza.

Bem sei... Quiz-me envaidecer...
Ao «Ordisi» competia,
Por melhor me conhecer, — 1
Pôr-lhe embargo à fantasia,

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 47

«Dizer-lhe: «Isso» não se faz!
«Nem parece coisa sua!
«Não ponha o pobre «rapaz»
«Nos carrapitos da lua,

«Que o ilude, e o que produz
«Crê ser obra genial:
«Incha... Estoira... E catrapuz!
«O trambolhão é fatal...»

Escreveu-me há tempo o Fialho,
Velho amigo verdadeiro,
Sôbre o seu belo trabalho...
Veja o que diz o bregeiro:

«— Que retrato primoroso
«O teu, feito p'lo «Kuhoto»!
«Estás novo e mais «formoso»!
«Tu remoçaste, maroto!

«Certo aproveitaste o estar
«Voronoff no Estoril
«P'ra te fazeres enxertar
«Gland'las de mico ou mandril...»

«Os milagres do saber! —
«Até juízo te deu!
«Por sinal que o tens a arder
«A escapar-se do chapéu!...»

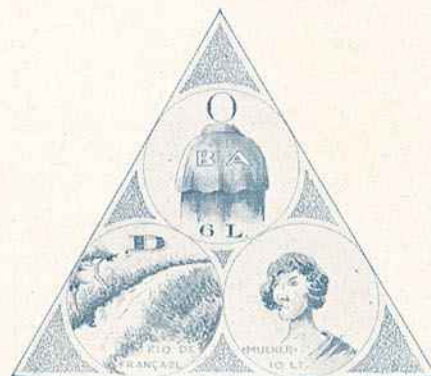
«Tens miólo no «toutuço»
«E até o «Bixo» garante
«Que és um génio! És um gigante! — 2
«E eu que nunca dei por isso!

«Agora a sério, Sileno:
«Perdeste quanto pagaste...
«Se te enxertasse em pequeno...
«Agora... Tarde piaste!...»

«Ouve: e se aplicasse alguém
«Ao teu bom panegirista
«Um «enxertinho» também,
«(De marmeleiro... achas bem?)
«P'ra não ser tão fantasista?»

Como eu fui «apepinado»
Devido ao seu trabalhinho?
Gostou? Está consolado?
Achou-lhe graça «Bichinho»?!
Lisboa Sileno

18) GEROGILFO SIMPLES
(Enigma figurado)



Leiria Magnate

(3) Vi um bailado campestre — 2
Lindas moças a dançar
E como nisto sou mestre
Apeteceu-me valsar.

Mas não foi sem *intensão* — 1
Que quiz entrar no bailado,
É que estava lá um «peixão»
Que me deixou abalado.

Depois... Já senhor de mim
— Par'cia que estava louco —
Perguntei-lhe então assim:
— Quer' dançar comigo um pouco?

Ela tôda moquenqueira
Aceitou. Mas... grande ingrata!...
Rapinou-me da algibeira
Uma moeda de prata.

Leiria Magnate

(Agradecendo a «Sileno» a sua espirituosa aditiva do «Desporto n.º 44» e a todos os outros confrades que me têm dedicado produções).
(Extra-concurso)

4) O «Ordisit» é, de facto, um morgadinho com três anos e meio, tão sômente; corre, salta, brincando alegremente deixando tôda a casa em desalinho.

Já lhe disse *uma vez*, em tom baixinho: — 1
«João! vou-te mandar vir brevemente uma mana bonita e sorridente p'ra depois lhe empurrares o carrinho».

Olhando-me e franzindo um pouco a testa com cara de zangado se manifesta, dizendo: — «papá eu não quero a mana!...» —

Ora nesta época, tão má, confrade — 1
julgo um dever fazer-lhe essa vontade que, *porventura*, à minha, emfim, se irmana.
Lisboa Ordisi

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (Novíssimas)

5) Há no seio da mulher que se oferece muita mentira. 2-1.
Luanda Tony

6) Além disso ordenar não é preferir. 1-2.
Luanda Fernando Costa

7) No acesso da luta a carnificina foi horri-vel, pois aos dois bandidos nem uma perna escapou. 2-1.
Luanda D'Artagnau Júnior

SINCOPADAS

8) Como não levava dinheiro o ladrão de estrada apertou-lhe a mão. 3-2.
Lisboa Copofónico

9) O coice que me deu o teu burro fez a minha desgraça. 3-2.
Luanda Dr. Sicascar

10) Um homem muito alto mal pode equilibrar-se no sobrado. 3-2.
Lisboa Néné

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

11) Encontro sempre obstáculo, embora mace alguém, para me livrar de dôres de cabeça. 2-2(3).
Luanda Ti-Beado

12) Se achasses um tesoiro oculto, não acudias à tua casa «arruinada»? 2-2(3).
Algés Marcolim

13) À luz noto sempre o diabo. 2-2(3).
Luanda Dr. Sicascar

14) Determinar a parte que diz respeito à igualdade entre duas razões. 2-2(3).
Luanda Um Misterioso

15) O destino do seu quadro depende da conservação deste anel, empregado em fazer sortilégios. 2-2(3).
Luanda Tony

16) Só nesta cidade portuguesa se sente o prazer de apreciar bem este «crustáceo». 2-2(3).
Luanda D'Artagnau Júnior

17) Falhei porque o papel na fábula não se prestava. 2-2(3).
Luanda Sergipe

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

E C O S

DA

QUINZENA



O sr. Presidente da República, saindo da Basílica da Estréla após a celebração do "Te Deum," em acção de graças pela feliz viagem presidencial às colónias.— *Ao centro:* O Governo assistindo ao "Te Deum".— *Em baixo:* Os congressistas da Acção Católica com o sr. Cardial Patriarca na visita que lhe fizeram. O sr. D. Ernesto Sena de Oliveira, como prelado mais categorizado em Portugal, saudou o sr. Cardial Patriarca em nome dos Congressistas





É preciso que a mulher tome a sério essas responsabilidades e desempenhe cabalmente o papel que lhe compete.

Nada de despesas inúteis e sem utilidade, mas também as que o possam fazer, não se restringem de maneira a fazer com que se resista o comércio.

Não açambarcar os gêneros, aqueles que dispõem de meios para o fazer em detrimento de aqueles que não têm ao seu dispor cabedais para empalar, e, não tornar por esse meio de tão baixo egoísmo, a vida impossível a todos, encarecendo os gêneros de primeira necessidade.

A Mulher cabem responsabilidades graves e quando da Grande Guerra, despensas havia em que apoiariam gêneros, enquanto que em outras casas, crianças definhavam, por não haver à venda gêneros de que careciam para a sua alimentação.

Da boa orientação da mulher a quem incumbe o pesado fardo da administração material do lar, depende o bem estar geral.

É não só na parte material pode a sua influência ser decisiva mas também na parte moral. A mulher não deve gerar a todo o momento sobre desgraças que não pode remediar, nem deve passar os seus dias arquetelando hipócritas males, que ainda não afligem o seu país.

Serenamente, com confiança na Providência Divina, deve encarar com coragem o momento que atravessamos.

Renunciar à vida frívola e muitas vezes prejudicial, que numa preocupação de elegância mal compreendida fazia. Dedicar-se verdadeiramente aos seus numa ordenada vida familiar, e, contribuir para o bem geral dedicando os momentos desperdiçados em distrações inúteis, e, algumas vezes perigosas, para a sua integridade moral, em obras de auxílio a aqueles, que pobres, sofrem verdadeiramente da instabilidade da vida e das dificuldades, que uma guerra na Europa traz a todos os países.

É a mulher portuguesa de tanto coração e de tão dedicada ternura estou certa, que há-de compreender qual a sua missão em tão dolorosa conjuntura e aproveitar este momento angustioso, para evidenciar as suas várias qualidades, que se estavam diluindo um pouco, nessa ânsia de imitação à vida vergiliana e falsa que se fez estes últimos anos à beira do abismo.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

Não se sabe ainda muito bem o que será a moda do inverno, porque a alta costura neste primeiro embate de guerra ainda não se pronunciou. Por esse motivo as «toilettes» que aparecem mantêm a mesma linha que temos usado nestas últimas estações.

Qual será a modificação que a moda criada na guerra trará? Em breve o saberemos, porque os costumes franceses farão como na Grande Guerra e não deixarão a outros países a glória da criação da moda, que há tantos anos e tão justamente lhes cabe.

Paris será sempre o berço da moda, embora debaixo da ameaça dos bombardeamentos aéreos, e, na angustia do perigo iminente.

A pesar de nos faltarem o gústo e a segurança, para anunciar a moda, que são as corridas de Longchamps, damos já alguns modelos de grande elegância para o outono e alguns deles, na suavidade do nosso clima poderão, já servir como vestidos de inverno.

Estes vestidos todos elegantes são muito práticos podendo-se alguns deles a fazer arranjos com casacos ou vestidos que já se possuem como por exemplo este: em pano «beige», que tem como guarnição um bolero em bordado negro. Com qualquer casaco ou vestido que se tenha, pode fazer-se um prático arranjo embora o modelo seja um elegante casaco de tecido Kadler.

Com gola alta à militar é abotoado com grandes botões pretos. Chapéu, em «flamond» preto, guarnecido com uma pluma da mesma cor, posta em pé atrás, lúvas pretas.

Outro modelo dum grande simplicidade «tailleur» em fazenda «gris» claro. Saia cortada e envezada e com roda, formando uma prega à frente.

O casaco tem uma original guarnição na gola, bandas e algibeiras em pele «ras» muito mais bonito e rico efeito guarnecendo o vestido com essa pele.

Como peitão um lindo lenço em «sural» preto e «gris», Chapéu em feltro preto guarnecido a fitas em «gris-grain gris». Lúvas em suède cinzento claro e carteira em cabedal preto.

É uma «toilette» muito simples mas dum gosto refinado.

Uma «toilette» linda é a que apresentamos em tecido Radier azul Mediterrâneo. A saia cortada em panos mais estreitos em cima, cai com muita elegância e tem à frente uma prega. A jaqueta muito justa tem a frente em forma de colete, abotoada com botões da mesma cor e tem uma linda guarnição de bordados na mesma cor em lá. Sobre este conjunto uma lindíssima capa do mesmo tecido, que encaixa nos ombros com a maior elegância.

Ao pescoço um lenço de seda azul escura com «pois» branco. Chapéu em feltro azul escura com a aba para cima libertando o rosto e deixando ver o penteado atrás.

Nos outros dois modelos damos a moda que apareceu em Deauville e que foi decretada para o outono.

«Tailleur» em pano azul escuro. Saia à «godets» bastante rodada, casaco muito cintado e com bastante aba, tendo algibeiras de fantasia e abotoando com um só botão. Blusa em seda cor de rosa em género «chemisette». Grande feitor azul escuro sem nenhuma guarnição.

O outro modelo é em «tweed» inglês, em que predominam os tons cor de ferrugem. O vestido inteiro, tem na sua leques de pregas plissadas e cinto e gravata em camurça preta. Sobre o vestido casaco comprido no mesmo «tweed».

Completa a «toilette» um chapéu em feltro cor de ferrugem, guarnecido com azas pretas, que é dum lindo efeito. Grande saco em couro natural, acompanha este conjunto, que é muito prático e adaptável a «toilette» de viagem. Todos estes modelos têm uma grande linha de elegância.

O «TRICOT» INSUBSTITUÍVEL

COMEÇOU há 25 anos com a guerra a mania do «tricot». Faziam-se agasalhos para os soldados que no inverno combatiam debaixo de chuva e neve, e não tardou que se começasse a faz-los para uso comodo das senhoras, que achavam caros os tecidos, que tanto tinham subido de preço, e assim nasceu a moda dos «chandailles» e «sweaters», hoje tão espalhada. Agora mais do que nunca ela prevalecerá e muito terão que trabalhar agulhas e lãs, para agasalhar e preservar do frio os que combatem em tão inhospitos climas.

É voltaremos a ver mulheres impunhando agulhas e fazendo o seu tricot, por toda a parte, aproveitando todos os minutos.

E assim no «Metro», no «autobus», no restaurante reaparecerá o «tricot» interminável e continuo, que é uma forma de dedicação feminina e uma prova de que são lembrados os que combatem longe, sofrendo todas as tormentas dum guerra moderna mais dolorosa e malfélica do que nenhuma outra.

A MULHER NA GUERRA

COMO há vinte e cinco anos, a mulher ao começar a guerra dedicadamente se oferece para acompanhar o homem na sua terrível tarefa.

Em Londres, mulheres abrem trincheiras de defesa contra a aviação e trabalham com energia. Em toda a parte se faz notar a serenidade das mulheres na iminencia dos ataques aéreos, e, da graça com que as parisienses entretem os minutos ou horas que passam nos refúgios, em graciosos ditos de espirito.

Nos hospitais oferecem-se enfermeiras e ao pedido de enfermeiras num hospital de Inglaterra até a duquesa de Kent, chamada do rei de Inglaterra se ofereceram para prestar serviço.

É Marina da Grécia, a elegantíssima duquesa de Kent, que pelo requinte das suas «toilettes» chama a atenção na Corte de Londres, envergando a bata branca de enfermeira, que a torna ainda mais elegante, e, trabalha afincadamente na preparação de pensos que irão suavisar os ferimentos dos soldados ingleses que se boiem pela sua Pátria. E assim a mulher abandona os divertimentos ou o trabalho a que está habituada, para conduzir os que se batem para que a integridade moral da sua Pátria não seja prejudicada e possa fazer face aos seus compromissos de honra.

E se o homem muito sofre com a guerra e vê a sua vida em perigo, hoje com os ataques aéreos, a mulher corre os mesmos riscos e tem ainda o sofrimento moral de ver partir para a guerra aqueles que são a sua razão do viver. Maridos, filhos ou noivos, que partem para não voltar mais talvez, e que têm de ser animados.

A verdade é que em todos os países se nota uma modificação absoluta na attitude feminina perante a partida dos mobilizados.

Há vinte e cinco anos faz-se entre léguas, hoje é com extrema resignação e dor oculta, que a mulher que a vida preparou para todos os sacrificios, vê partir os que lhe são queridos.

E assim, a mulher que fazia uma vida fútil resgata a sua errada compreensão da vida, num sacrificio sublime dos seus sentimentos de coragem sacrificando-se com a maior dignidade.

HIGIENE E BELEZA

HÁ muitas senhoras que quando começa o calor sofrem dum grande transpiração na cabeça, que com a continuação afecta o cabelo e acaba por fazer que caia em abundancia prejudicando a beleza da sua aparência e reduzindo-as muitas vezes à tristeza da calvície.

Logo que se note essa tendência deve fazer-se tratamento, fazendo diminuir a secreção e ao mesmo tempo estimular a circulação do couro cabeludo.

Para esse efeito são ótimos o álcool, o eter e o formol. Aqui ficam três receitas em geral de esplendidos resultados:

Ácido acético 2 grammas, formol 50 gotas, salol 10 grammas, benzina 5 grammas, alcoolato de alifazem 50 grammas, alcoolato de limão 50 grammas, alcool puro 50 grammas.

Formol a 40 por 100, 1 grama, tintura de Jabrondi 10 grammas, água de colônia 200 grammas.

Cloral 1 grama, ácido fénico 4 grammas, balsamo de Fioravanti, 30 grammas, eter 30 grammas, água destilada 200 grammas.

Qualquer destas receitas é eficaz, o que é necessário é no caso dum não dar resultado recorrer à outra, porque não há só doenças há doentes e o que faz bem a uns não dá resultado a outros.

RECEITAS DE COZINHA

Scopes: — Uma colher de sopa bem cheia de farinha de crescer, o chamado fermento inglês, seis colheres de farinha de trigo, misturam-se muito bem em seco e junta-se-lhes uma colher e meia das de sopa de açúcar, uma colher das de sopa e um quarto de leite, um ovo, uma colher de sopa de manteiga, uma pitadinha de sal.

Amassa-se muito bem com as mãos e forma-se sobre a tábua de amassar um rolo comprido; corta-se esse rolo em dezasseis bocados e de cada um faz-se um pãozinho pequenino um pouco chato, ao pô-los no tabuleiro untado com manteiga, dá-se um golpe com a faca no meio, e vão ao forno a cozer até ficarem bem dourados.

Servem-se ainda quentes e são deliciosos à hora do chá.

Bolo de arroz: Lava-se e escolhe-se 250 grammas de arroz e deita-se num litro de leite a



ferver, com uma casca de limão, deixa-se cozer em lume brando sem mecher durante uma hora.

A meio da cozedura, junta-se um pouco de sal, 150 grammas de açúcar e meia colher de manteiga de vaca. Em o arroz estando bem cozido e espesso afasta-se do lume, tira-se a casca do limão e deixa-se esfriar um pouco.

Juntam-se em seguida duas gemas de ovos e uma clara batida em neve, misturando-se tudo bem. Unta-se uma forma com manteiga, polvilha-se com farinha, deita-se-lhe dentro o arroz e coze-se no forno. Deixa-se esfriar a forma e desenforma-se num prato de cristal.

DE MULHER PARA MULHER

Indecisa: Mas é a primeira vez que tenho de responder a uma pergunta dessas. A si é que compete reflectir e ver se na verdade tem vocação para o casamento e se esse rapaz lhe agrada o bastante para unir a sua vida à dele para sempre. Estude as suas qualidades morais as afinidades de gostos e veja se o futuro se lhe apresenta possível com elle, arrastando todas as alegrias e tristezas de que se compõe a vida humana, e se por elle é capaz dos sacrificios que exige a vida comum de dois entes, que se unem para fundar um lar. A vocação só nós é que a podemos conhecer.

Alda: As Belas Artes são sempre indicadas à mulher como uma profissão que lhe está adequada. O desenho é sem dúvida uma das mais belas manifestações da Arte. Mas entre nós é difficil ganhar a vida com um de seus ramos, porque há pouco onde o fazer. Essa sua amiga em que me fala poude ganhar tão bem porque vivia em Paris onde há sempre trabalho para os artistas. No entanto experimente e é possível que quando acabar o seu curso, as coisas tenham mudado.

Julietta: — Todo esses inconvenientes têm graça quando recebidos com bom humor. Naturalmente que numa instalação provisória não pode ver o conforto que tem na sua casa, mas não estrague as suas férias com lamentações inúteis e não aborrecas o que a rodeiam. O «militar» em azul escuro fica muito bem, as cores escuras são preferíveis porque adelgacem. Está muito a tempo de aprender a nadar e creia que a natção é um dos melhores exercicios.

MARIA DE EÇA



PIRE DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — V. 5, 4
Ouros — D.
Paus — D. 10, 9, 8

Espadas — 10 N Espadas — 9, 8
Copas — R. D. O E Copas — 9, 7, 6, 5
Ouros — 10, 8, 5 S Ouros — — — —
Paus — V. 5 S Paus — 7, 6

Espadas — R. D.
Copas — A. 10, 8
Ouros — 7, 6
Paus — A.

Trunfo copas. S joga e faz 7 vasas.

(Solução do numero anterior)

S joga 6 e. N — A e.
N » A c. S — A p.
N » 4 p. S — 5 o.
N » 4 e. se E jogar 8 e., S — 9 e., e E só faz uma vasa.
Se E jogar 10 e., S — 7 e. E é obrigado a jogar 5 p. que S corta de 2 e. e N recorta com 5 e., enforquilhando os trunfos de E.

As cinco letras

(Problema)

Eis um diagrama onde se vêem as cinco primeiras letras do alfabeto, cada uma delas aparecendo cinco vezes.

Reparem bem na disposição em que elas se

A	E	C	B	D
E	E	A	C	B
D	C	B	D	C
C	B	D	A	A
B	D	E	A	E

encontram e queiram responder às seguintes perguntas relativas a essa disposição.

- (1) Quais as letras que não aparecem mais do que uma vez em qualquer das colunas verticais?
- (2) Quais as letras que não aparecem mais do que uma vez em qualquer das filas horizontais?
- (3) Quais as colunas ou filas que contêm cada letra uma única vez?
- (4) Quais as colunas ou filas que contêm duas letras aparecendo duas vezes cada uma?

Os guardanapos

O uso de guardanapos à mesa é um dos muitos costumes que temos de agradecer aos romanos. Estes, porém, não os destinavam ao mesmo fim para o qual nós hoje os usamos.

Naquele tempo era uso distribuir-se um guardanapo a cada conviva no fim da refeição, no intento de servir de envólucro para as frutas, doces ou iguarias que tivessem sobejado sobre a mesa, levando cada conviva, disso tudo o que mais apreciasse.

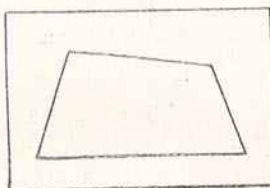
E os convivas finos e bem educados, querendo ser amáveis, mostravam-se ávidos em retirar o seu quinhão, como tributo à excelência dos manjares.

Os ciclistas

(Solução)

Dai a 6 horas.

A figura geométrica



Em geometria, uma figura como esta chama-se:

Um pentágono, um retângulo, um trapézio, um rombo, ou um hexágono?

Origem do baloiço

A primeira mãe que se lembrou de suspender numa árvore o berço do seu filho foi decerto, quem inventou o baloiço.

Todavia, só depois de se estabelecerem os Jogos Icarícos, os quais se celebravam, baloiçando-se os jogadores numa corda presa a duas árvores, e que esse exercício se tornou de moda entre os Atenenses, onde tanto era praticado pelas raparigas como pelos rapazes e velhos, conforme nos diz Plutarco. Pelo decorrer dos tempos, a corda simples duplica-se, triplica-se. Nela penduram um banco, uma cadeira de braços mesmo, como se pode ver reproduzido em tantas gravuras e quadros antigos.

As árvores anãs, ou japonesas, foram, pela primeira vez, enviadas em quantidade comercial para a Europa em 1878, por ocasião da abertura da Exposição Horticola de Paris.

Mal acondicionada, porém, morreram quasi todas; em 1889, um horticultor de Tokio instalou um jardim japonês num dos cantos do Trocadero que foi um dos locais mais admirados da Exposição Universal.

O preço dos primeiros livros impressos

Os primeiros livros impressos custavam tão caro como os manuscritos. Joã Furst, o célebre livreiro de Basileia, vendia as duas Biblias impressas a cerca de 5.000 escudos do nosso dinheiro actual. A carestia dos primeiros impressos era devida ás dificuldades da composição e, também, a terem sido impressos em pele de vitela. O seu preço baixou instantaneamente logo que se empregou o papel feito de trapo.

Fumo

O espírito inventivo dos americanos não tem limites. Ainda recentemente descobriram um novo processo de preparar os cigarros, graças ao qual, estes, em vez de produzirem fumo negro, poderão produzir fumo da cor que se quiser. E o inventor afirma poder assim obter-se todas as cores do arco-iris.

O que, decerto, permitirá às mulheres bonitas fazer com que os seus cigarros coadigam com a cor das suas toilettes ou dos seus olhos!

Havia em Pittsburg um poço com 2 209 metros de profundidade e em Czucho, na Alta Sílexia, um outro com 2 240, sendo ambos considerados os mais profundos do Mundo. Mas em 1919 foi aberto um poço em Clarkburg, na Virgínia ocidental, em busca de petróleo que atingiu 2.252 metros, sem resultado.

Um livro principesco

A princesa Maria José de Piemonte, irmã do rei Leopoldo da Bélgica e princesa herdeira da Itália, ao visitar, em Novembro último, Bruxelas, incumbiu uma grande casa editora belga de lhe publicar a tradução do seu livro «Na África Oriental».

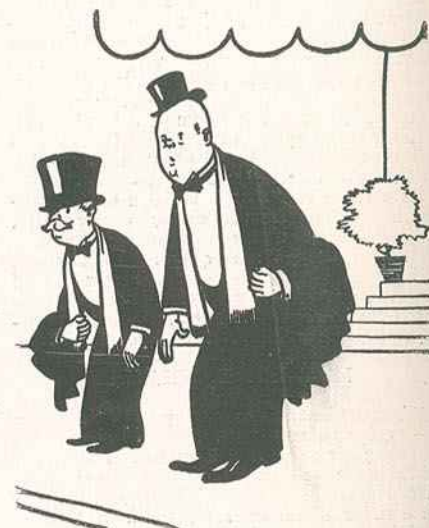
Consta êle de notas tomadas pela princesa, por ocasião da sua estada na Eritreia e na Etiópia, uma espécie de jornal repleto de páginas cheias de vida e de espirito.

Êste livro será possivelmente, seguido dum romance, pois que a princesa Maria José, áquelles que sobre o assunto a interrogaram não negou!

O azeite virgem tem no catolicismo, o nome de Santos O'leos, e desempenha um papel importante ao lado do trigo, do vinho e da água.

Este rito é uma sobrevivência do antigo culto pagão, que consagrava a oliveira.

Racine escreveu onze tragédias, das quais duas, a «Tebaída» e «Alexandre» são consideradas obras da mocidade. Escreveu uma única comédia «Les Plaideurs».



— Então aquêl parvo do empregado lá do Casino não me deu o chapéu trocado!
— E a mim também. Do «Windsor Magazine».

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116\$72

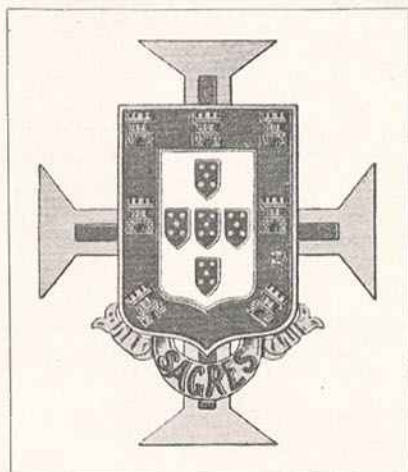
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803\$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.^a e 2.^a parte, cada 2\$00

Album da Cartilha Maternal, enc. 90\$00

Guia da Cartilha Maternal, 1 fol. 2\$00

A Cartilha Maternal de João de Deus é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73—LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 75—LISBOA

MATCH

O semanário mais completo de actualidades mundiais

Profusamente ilustrado, magnificamente colaborado

Esc. 2\$60

Paris-Soir

O jornal de maior reportagem mundial

Muito bem redigido e ilustrado

70 centavos

Marie-Claire

A mais bela, a mais completa, a mais interessante revista semanal feminina

Esc. 3\$00

Distribuidores gerais: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — LISBOA



ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE \$60
Simples \$30

Un'cos importadores
CASA HAVANEZA—LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina
Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses
de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO
para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA
de todos os editores, tanto nacionais
como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País
e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73-LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
551 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**OBRAS
DE
JULIO DANTAS**

PROSA

ABELHAS DOIRADAS—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
—(1. ^a edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X.—(5. ^a edição)—O que eu lhe disse das mulheres—O que lhe disse da arte—O que eu lhe disse da guerra—O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM—(5. ^o milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	10\$00
CARTAS DE LONDRES—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
COMO ELAS AMAM—(4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOIS E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ÊLES E ELAS—(4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO—(1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	8\$00
EVA—(1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
GALOS (OS) DE APOLO—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES—(6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR—(Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	8\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO—(Confe- rência), 1 fol.	12\$50
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA—(Conferência), 1 fol.	2\$00
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	1\$50
	12\$00

POESIA

NADA—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO—(2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA—(3. ^a edição), 1 vol.	3\$00
CASTRO (A)—(2. ^a edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS—(27. ^a edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA—(5. ^a edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA—(3. ^a edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA—(6. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
1023—(3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
O QUE MORREU DE AMOR—(5. ^a edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS—(3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
PRIMEIRO BEIJO—(5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
REI LEAR—(2. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	2\$00
REPOSTEIRO VERDE—(3. ^a edição), 1 vol. br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO—(10. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
SANTA INQUISIÇÃO—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A)—(5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	2\$00
SOROR MARIANA—(4. ^a edição), 1 vol. br.	8\$00
UM SERRÃO NAS LARANGEIRAS—(4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
VIRIATO TRÁGICO—(3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
- Vinte mil léguas submarinas**:
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**.
- 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos do férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Hígino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agência Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agência Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA

ALMANAQUE BERTRAND

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Descrição e mapas, a côres; do

IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado... **10\$00**

Encardernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA